



Este suplemento é parte integrante da edição nº4624 e não pode ser vendido separadamente

Natal, sempre!

Conto
"Pai Natal Invisível"
por Lúcio Alberto

Reportagem
Viver distante
"Troféu" - Miniaturas
made in Espinho

Crónica
Mário Augusto
Sérgio Almeida

Mónica Vieira-Auer
"Sair do país,
nunca é um adeus"



Índice

03
"Para que o Natal
seja mesmo Natal"
Sérgio Almeida

04 a 08
Vivências de quem está
longe das origens

A chilena Fernanda Aguilera, o norte-americano James Shannon, a ucraniana Rayisa Grybinnyk, a venezuelana Greisy da Silva e Ana Rita Silva, radicada há mais de meio século em França, relatam histórias de vida e revelam saudades

09
"Valha-nos a memória do Natal"
Mário Augusto

10 a 14
Conto de Natal
"Pai Natal Invisível"
Lúcio Alberto

16 a 19
Sonhos em miniaturas

As miniaturas Troféu são a marca distintiva da Replicar, indústria que há mais de 30 anos fabrica brinquedos para colecionadores em Silvalde.

21
"Natal, 2020"
Rosa Couto

22 a 24
Entrevista
Mónica Vieira-Auer

Vencedora do Prémio Nacional Ferreira de Castro com a obra poética "A Parte pelo Todo", rumou de Silvalde até à Alemanha por paixão e carreira profissional

26 a 27
Artes nas mãos de Norma Silva
Jinja – marca de peças decorativas para o lar

27
Menu natalício
Sugestão do chef Manuel Carola

29
Diálogo com os Vinhos
Sugestões para acompanhar as iguarias de Natal

30
Vénia à poesia de Espinho
"Mea Culpa", de Alberto Barbosa e "Súplica"
de Carlos Moraes

Ficha técnica

Diretor
Lúcio Alberto

Redação
Lisandra Valqueresma
Manuel Proença

Fotografia
Francisco Azevedo
Isabel Faustino
Sara Ferreira

Ilustração
Mariana Crisóstomo
Mário Augusto

Design e Paginação
Ricardo Gomes

Colunistas
Mário Augusto
Rosa Couto
Sérgio Almeida

**Publicidade e Secretária de
Administração e de Redação**
Cristina Fonseca
Fernanda Oliveira

Impressão Gráfica
Diário do Minho

Proprietário e Editor
EMPES – Empresa de
Publicidade de Espinho, LDA

Administrador
Nelson Soares

© 2020 Defesa de Espinho –
Todos os direitos reservados

beatriz dos panos

Desejamos a todos os nossos clientes e amigos um Natal feliz e em segurança

Enquanto p...sa... Nós já executamos!

Cortinas • Têxteis-Lar • Blackout's • Atoalhados • Fardamentos

Serviço de Estofos • Tecidos de Confeção • Rolos Microprefurados

geral@beatrizdospanos.pt



Para que o Natal seja mesmo Natal

Eu, pecador, me confesso: há demasiados anos que deixei de acreditar no Natal. Não necessariamente na mensagem primeva que traz, eternamente capaz de reconciliar-nos com a crença no milagre da vida, mas por tudo o que o rodeia.

E é tanto! A exacerbação consumista; a hipocrisia dos que, nada fazendo para celebrar o seu espírito, mais o invocam, como se se tratasse de um mandamento a cumprir que implicasse todas as pessoas exceto elas próprias; a felicidade enjoativa que tenta impor estados artificiais provocados pela euforia do materialismo e não do espírito.

Conjugar este cepticismo (ou cinismo, dependendo do ponto de vista) com a condição de pai de duas crianças não tem sido fácil, admito, e tem-me obrigado a um aprimoramento tal dos dotes de representação que, se houvesse um mínimo de justiça no Mundo, já me deveria ter valido uma mão cheia de estatuetas douradas em tudo iguais às que todos os anos são atribuídas aos magotes lá por Hollywood.

Com maior ou menor dificuldade – mais a primeira do que a segunda, reconheço –, tenho conseguido, ano após ano, esse improvável equilíbrio (digno do maior dos funambulistas) que consiste em manter-me fiel à convicção secreta de que o Natal serve sobretudo para alimentar a gigantesca roda do consumo e, ao mesmo tempo, esforçar-me por exibir junto da ala juvenil da família o estado primaveril de arrebatamento que este exige.

E, todavia, sem que tivesse abandonado nenhuma das crenças atrás formuladas, dei por mim há poucas semanas a desejar a chegada do Natal.

As razões sabê-las-ão os leitores tão ou bem melhor do que eu. Afinal, esgotados como estamos, física e psicologicamente, pelas exigências e agruras de um ano que não nos deixará saudades, clamamos em uníssono por injeções de esperança (sob a forma de vacina e não só) que nos renovem o ânimo.

Fartos de realidades pandémicas, clamamos por um naco de sonho, mesmo que a razão nos procure chamar à viva força para junto de si, insistindo que ela é quem mais ordena e não se compadece com visões ingénuas do quotidiano, continuamente desmentida pela força dos factos.

Por uma vez que seja, sintamos necessidade de trocar as camadas de

negatividade acumuladas ao longo do ano pelas camadas de adiposidade que nos são trazidas pelas rabanadas, filhoses, sonhos e outras tentações natalícia.

Pensava nesta súbita mudança, causada pelas atribulações dos últimos meses, quando, ao folhear um livro de José Tolentino Mendonça, poeta que teima ver a luz onde outros vêem apenas sombra, dei de caras com um poema que não me recordo de alguma vez ter lido ou, pior ainda, de nunca lhe ter prestado a atenção devida:

Para haver Natal este Natal

Talvez seja preciso reaprendermos
Coisas tão simples!

Que as mãos preocupadas com embrulhos
Esquecem outros gestos de amor,
Que os votos rotineiros que trocamos
Calam conversas que nos fariam melhor,
Que os símbolos apenas se amontoam
E soltam uma música triste
Quando já não dizem aquela verdade profunda!

Para haver Natal este Natal
Talvez seja preciso recordar
Que as vidas começam e recomeçam
E tudo isso é nascimento (logo, Natal)
Que as esperanças ganham sentido
Quando se tornam caminhos e passos.
Que para lá das janelas cerradas
Há estrelas que luzem
E há a imensidão do Céu.

Talvez nos bastem coisas
Afinal tão simples:

- (1) O alento dos reencontros autênticos;
- (2) A oração como confiança soletrada;
- (3) A certeza de que Jesus nasce em cada ano

Para que o nosso natal, alguma vez,
esta vez, seja Natal!

Ao lê-lo, um conforto súbito tomou conta de mim, numa manifestação inequívoca de que a palavra poética é capaz de alcançar feitos que escapam à lógica. Que alguém tocado pela graça da fé, como Tolentino Mendonça, fosse capaz de verbalizar os sentimentos mais profundos de um impio como eu, que há muito a perdeu, eis uma evidência que muito me sensibilizou.

Apesar de ter escrito o poema há mais de 20 anos, o atual cardeal do Vaticano tocou verdades insofismáveis.

Para que haja Natal este Natal, tenhamos a clarividência de trocar os votos rotineiros, despidos de sentido pelo seu uso contínuo, por manifestações claras de afeto, preocupações genuínas que uma conversa simples logra alcançar.

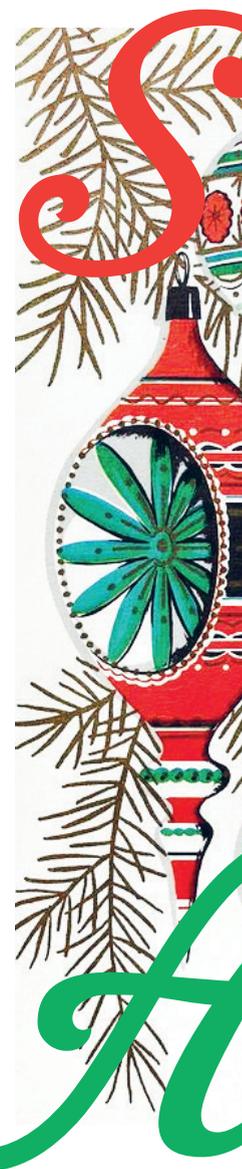
Do mesmo modo, que as mãos (pre) ocupadas com embrulhos estejam mais viradas para gestos de amor, como nos diz o autor de "A noite abre meus olhos".

Mais do que nunca, precisamos de acreditar na mensagem de recomeço associada ao Natal. Que as dificuldades por demais conhecidas que vivemos sirvam como alento para uma vontade genuína para abandonarmos o afastamento dos ideais humanistas, esses sim a verdadeira religião que devia nortear todos os nossos actos.

Por uma vez que seja, saibamos tornar reais os votos de boas festas repetidos até à exaustão. Como? Olhar para baixo do ombro, para aquele que nos estende a mão perante a habitual indiferença colectiva, já seria um começo. Insignificante ainda, é certo, mas o primeiro gesto para que o Natal volte a ser Natal. ♦



Texto
Sérgio Almeida
/ Jornalista





© Sara Ferreira

Texto
Lisandra Valqueresma
Fotografia
Sara Ferreira,
Isabel Faustino

Viver distante: Espinho é casa emprestada de quem chega e quem parte com a cidade no coração

O natal está à porta. Embora seja um ano diferente, esta é a altura que, por excelência, se celebram as tradições, a família, os afetos e a proximidade. Contudo, há quem não o consiga fazer pela imposição que é mudar de país.

Há quem decida mudar de vida todos os dias. A saída do país berço à procura de algo melhor, de uma vida mais estável, de desafios novos, ou simplesmente de um sonho dá-se dia após dia. O fenómeno não é novo. Portugal é muito conhecido devido à sua forte característica da emigração. Mas é, também, cada vez mais, devido à imigração. Para muitos que saem, há outros tantos que entram. Nesta história, cabiam muitos nomes, mas Greisy, Rayisa, Fernanda, James e Ana Rita são os rostos que testemunham a mudança. Cada relato é tão diferente e, ao mesmo tempo, tão igual.

Da Venezuela para Espinho à procura de mais segurança

Greisy da Silva nasceu na Venezuela, mais precisamente em Caracas. Gosta do seu país de origem, mas aos 26 anos decidiu deixá-lo. Nasceu fruto da emigração. Filha de um pai espinhense que largou a cidade para viver na Venezuela, acabou por lá crescer e viver até há bem pouco tempo. Desde pequena viveu rodeada por dois mundos. "O meu pai é natural de Espinho, assim como toda a minha família paterna. Aos 18 anos, ele foi viver para a Venezuela, numa altura em que ocorria um boom de emigração para o país. Ele quis trabalhar e mudar de vida. Conheceu lá a minha mãe e nasci eu", começa por contar a jovem.

Habituada à vida da Venezuela, Greisy não gostava da situação perigosa e difícil em que o país se encontra. Cansada dos problemas e da sensação de insegurança, decidiu mudar de rumo. Mesmo que isso implicasse deixar tudo para trás, inclusivamente a família. "Nunca imaginei vir viver para Espinho. Sempre disse que ia ser a última a ficar para apagar a luz, mas afinal fui a primeira." A decisão, ponderada tendo em conta vários motivos, aconteceu principalmente devido a um em particular: o sequestro do pai.

"Eu e a minha família vivemos situações muito complicadas, não por fome, mas por questões de segurança,

pois o meu pai foi sequestrado. Viver isso foi a coisa mais horrível da minha vida. Algo que, até hoje, nunca consegui superar. Tudo isto me motivou a sair do país e a minha primeira opção sempre foi Espinho", revela Greisy da Silva.

A escolha de Espinho como novo destino de vida aconteceu justo à facilidade por já conhecer a cidade e por ter cá família. Era hábito, no verão, vir a Espinho visitá-los. Sabia "mais ou menos" como era a cidade, mas não sabia como seria viver nela. Muito menos, como era estar em Espinho sozinha. No entanto, a transição revelou-se até "bastante simples". "O meu pai acompanhou-me no primeiro mês para me ajudar na adaptação. Depois fiquei com a minha família portuguesa. E a verdade é que não me sinto sozinha", enaltece Greisy, sentindo-se acarinhada, ainda que num país estrangeiro.

Chegou a Espinho, ambientando-se de forma fácil. No entanto, confessa que a agitação de Caracas lhe fez, ao início, alguma falta. "A única coisa que me fez um pouco de confusão foi o facto de eu ter passado de uma cidade tão agitada como Caracas para uma cidade tão tranquila como Espinho. Eu vivia na capital, estava habituada à confusão, à vida agitada, ao facto de andar sempre muita gente na rua. Aqui isso não acontece. Os portugueses são pessoas muito queridas, mas também são muito calmas. Faltava-me um pouco daquele stress, mas a verdade é que me ajudou

a relaxar. Até acho que já perdi essa faculdade de estar a fazer mil coisas por dia", confessa Greisy.

Habituada à língua portuguesa por influência do pai, Greisy confessa que não a considera um entrave. Porém, admite que a pronúncia é algo que ainda tem que ser trabalhada. "Eu já estava habituada a ouvir português porque sempre tive contacto com a língua. Os meus avós sempre falaram para mim em português. Quando cheguei, perceber a língua foi muito fácil, mas a pronúncia é a única coisa que me custa um bocadinho, embora saiba que isso depende da prática."

Como tem família portuguesa Greisy explica que, nesta altura de Natal, "havia uma mistura dos dois países". Assim como acontece em Portugal, o dia 24 de dezembro era passado na cozinha. "Como sempre se tentou manter as tradições, no dia de Natal havia sempre o bacalhau e aletria. Agora, nesse aspeto não mudou muito, mas mudaram as pessoas com quem eu costumava celebrar", recorda a jovem.

Quando ainda vivia em terras venezuelanas, Greisy adorava o Pan de Jamón, típico do país nesta altura do ano. "É um pão que tem recheio de fiambre, azeitonas e uvas passas, embora alguns também tenham bacon. Além disso, também gosto muito das hallacas venezuelanas que se não as comer no Natal, para mim, não é Natal. É um prato tradicional que leva um guisado de carne, azeitonas, uvas passas e está envolto em folhas de bananeira", explica, dizendo que "é tradição comer, também, pernil e salada de galinha." Mesmo na Venezuela, no dia 25, Greisy conta que "não podia faltar 'farrapo velho' como manda a tradição de Portugal."

O Natal de 2020 será o segundo de Greisy em Espinho. O ano passado teve a oportunidade de o vivenciar pela primeira vez e acabou por se revelar "muito bom". Por estar longe dos pais e da irmã, Greisy "estava emocionada", mas a festa correu bem.

No ano passado, Greisy ficou encantada com as decorações Natalícias de rua. Na Venezuela, devido ao estado de crise em que o país se encontra, isso perdeu-se. "Adorei as decorações que fazem na rua, porque aqui decoram-nas muito. Lá na Venezuela isso não se vê muito."

Encantada com a beleza com que ficavam as ruas, a família proporcionou-lhe algo ainda melhor. "A maior lembrança do meu primeiro Natal em Espinho foi ir ver as iluminações ao Porto com as minhas tias. Esse passeio foi inesquecível. Eu parecia uma criança ao ver todas aquelas luzes todas. Esse passeio com as minhas tias foi algo que sei que nunca vou esquecer", admite a

jovem venezuelana.

Quando decidiu vir para a cidade, Greisy da Silva sabia que, ao passar o Natal por cá, algumas tradições do seu país de origem iriam ficar por celebrar. No entanto, fez questão de as recordar. "Quando eu estava lá, eram os portugueses da família que traziam as tradições portuguesas. Agora é ao contrário. Aqui, sou eu que tenho a tarefa de trazer as tradições venezuelanas. Então, no ano passado, tentei, com a ajuda da minha tia, fazer algumas coisas típicas. E, a meio da noite, apareci eu a pôr a música tradicional da Venezuela para todos dançar. Consegui misturar as duas culturas e sentir-me como se estivesse na Venezuela."

Ainda que com algum contacto às tradições portuguesas, Greisy não conhecia tudo o que, por norma, se coloca na mesa de Natal. No entanto, o ano passado, foi a altura ideal para experimentar um pouco de tudo. "Eu adoro o bacalhau, até porque já o comia antigamente. Porém, também pude comer aletria, que já não a comia há algum tempo. No fundo, eu gosto de tudo um pouco. No Natal, experimentei todas as comidas que fizeram, algumas eu nem sabia o que era, mas comi na mesma", confessa Greisy.

Contente por estar a vivenciar novas oportunidades, não esquece a família que vive à distância. Sabe que lhe basta uma videochamada para os ver, mas "nunca é a mesma coisa". Confessa que "as saudades estão sempre presentes", mas "por agora, não é objetivo voltar à Venezuela". Quero trabalhar, quero estabilizar a minha vida aqui e se um dia voltar é porque a Venezuela melhorou a sua situação. Não é um bom momento para voltar agora porque tem muitas coisas negativas, principalmente a insegurança. Não é algo que eu tenha planificado."

Não sabe se um dia vai regressar de vez ao país, mas, até lá, gostava de ter cá toda a família. "É difícil estar longe e principalmente quando se sabe que podem estar a viver situações que ninguém devia viver. Acho que a minha irmã vai ser próxima a vir e, com as duas filhas em Espinho, pode ser que os meus pais também decidam vir", revela Greisy, mostrando a sua esperança.

O Natal que está à porta, será o segundo de Greisy em Espinho. Mais uma vez, prepara-se para uma mesa recheada de sabores portugueses, mas pretende nunca deixar de lado a Venezuela. Para esta quadra, defesa que "todos sejam felizes. Que apesar da situação que atualmente se vive, todos se foquem nas coisas positivas." Para a jovem, "uma pessoa feliz é uma pessoa que consegue o que quer e que dá felicidade aos outros".



“

A única coisa que me fez um pouco de confusão foi o facto de eu ter passado de uma cidade tão agitada como Caracas para uma cidade tão tranquila como Espinho.”

Greisy da Silva,
27 anos

Estados Unidos, Chile, Lisboa e Espinho. Um roteiro de vida de Fernanda e James

Fernanda é chilena. James nasceu e cresceu nos Estados Unidos.

Hoje, juntos como casal, têm um filho pequeno e outro a caminho. Viviam no Chile, país de origem de Fernanda, ao qual James se juntou por ter ganho uma bolsa do governo chileno para empresários. Conheceram-se e, um ano depois de ter ido para o Chile, James ganhou outra bolsa para estudar em Portugal. Escolheram Lisboa. Tinham um projeto em mãos com uma preocupação direcionada para o meio ambiente, onde o objetivo era conseguir limpar os oceanos. Contudo, depois de chegarem à conclusão que o projeto não era viável, optaram por outro caminho. Caminho este que os trouxe até Espinho.

"Viemos para Espinho em 2018, já com o novo projeto das sapatilhas veganas. Nós estávamos a trabalhar com redes de pesca, mas depois direccionamo-nos para a área do calçado, criando sapatilhas amigas do ambiente porque ainda nos preocupamos com o meio ambiente e com o mar, tendo sempre a consciência do plástico e lixo que produzimos", explica Fernanda Aguilera.

Hoje em dia a viver em Espinho, trabalham em São João da Madeira na marca que criaram: a Ontems. Utilizam materiais orgânicos, isentos de plástico ou produtos de origem animal.



“

Muitas vezes penso que quero voltar, quero estar com os meus amigos, mas o que há em Portugal é algo impagável que é a segurança.”

Fernanda Aguilera, 33 anos

“

Nós passamos mais de dois anos sem carro e conseguimos fazer tudo de forma fácil. Iamos levar o menino à creche, fazer compras, ir ao centro de saúde. Tudo a pé. Acho que não há muitas cidades assim em Portugal. Aqui está tudo a uma distância curta o que é muito bom”

James Shannon, 32 anos

Produzidas de forma totalmente artesanal, estas sapatilhas são pensadas com base em critérios ecológicos e sociais.

“Como estamos a trabalhar na indústria do calçado, tínhamos que estar em São João da Madeira, visto que, nesta área, é um dos pontos fortes no país. Contudo, queríamos viver perto do mar. Queríamos um local que fosse perto da nossa zona de trabalho e que conseguíssemos chegar, de forma fácil, ao Porto”, revela James Shannon.

Nesta fase, Fernanda estava grávida, à espera do primeiro filho do casal. “Na altura em que nós chegamos, Portugal estava em alta, muito por causa do turismo, então não havia muitos apartamentos para alugar e como não tínhamos tantas possibilidades, o Porto, por exemplo, foi impossível, tal como Matosinhos. Estávamos indecisos entre a Póvoa do Varzim e Espinho, mas pela proximidade a São João da Madeira e pela facilidade em termos o comboio perto, preferimos morar em Espinho”, conta Fernanda, confessando que a ligação da cidade ao surf também acabou por pesar na escolha.

Tomada a decisão, não se arrependem.

Gostam da cidade, das pessoas e da proximidade entre os serviços.

Essa mudança foi sentida quando trocaram Lisboa por Espinho. Viviam na capital e confessam que não havia tanto companheirismo como em Espinho. “Nós não conhecíamos ninguém, mas aqui as pessoas são simpáticas, há uma cultura muito familiar e, por isso, temos feito bons amigos.” Numa fase em que estiveram em casa, em isolamento, Fernanda contou com a ajuda de amigos e vizinhos, deixando-a surpreendida. “Todas as pessoas que nós conhecemos ligaram-nos a perguntar se precisávamos de alguma coisa, se precisávamos de coisas do supermercado. No outro dia, uma amiga trouxe-me comprimidos porque eu tinha dores de cabeça. São todos muito preocupados. É um ambiente muito querido. Não sei se é por ser em Espinho, mas em Lisboa não nos acontecia isto, talvez por ser a capital e uma cidade muito grande. Aqui, inclusivamente, os vizinhos preocupam-se muitas vezes, até por causa do menino.”

Ainda que tenham deixado o Chile em 2016 para rumar a Portugal, Fernanda Aguilera e James Shannon, confessam que a língua portuguesa ainda é um problema. Entendem o que lhes é dito, compreendem a maior parte dos significados, mas dizem que é preciso aprender. “Sinceramente, acredito que o grande problema é ainda não falamos português muito bem. Depois de tanto tempo aqui, ainda temos algumas dificuldades na língua. Talvez precisemos de algumas aulas. Já temos algum tempo em Portugal, mas ainda não conseguimos falar de forma fluente. Não temos gramática, nem muito vocabulário, por isso, melhorar a língua é um dos nossos objetivos. Nós costumamos pesquisar, mas muito do que há na Internet é sobre o português do Brasil. Sabemos que é diferente. Tem sido um pouco complicado, para nós, aprender e a verdade é que também não temos muito tempo. Tentamos é sempre falar com outras pessoas para ir melhorando”, admite James.

Em terras lusas há quatro anos, sem nunca terem visitado os países de origem, Fernanda e James viveram o seu primeiro Natal português em Lisboa, na época em que lá viviam. Não conheciam muito das tradições e apenas sabiam que se comia bacalhau. Fernanda ainda tentou fazer o prato típico do novo país, mas a experiência não correu bem. “Eu não sabia que tínhamos que colocar o bacalhau a demolhar. Falei com a minha vizinha, um dia antes do natal, perguntei-lhe como se fazia e ela é que me explicou, dizendo que eu não podia fazer o bacalhau sem o demolhar. Como eu não o tinha feito, ela foi buscar bacalhau ao frigorífico dela e deu-nos

um pouco. Nesse dia comemos bacalhau porque a minha vizinha nos deu. Nós não estávamos há muito tempo nesse prédio, mas ela queria que nós comêssemos bacalhau. Aí sentimo-nos muito queridos”, conta a chilena.

Como estão longe de casa, o casal confessa que não cumpre as tradições portuguesas. Na verdade, nem a dos próprios países. “Como nós não temos família em Portugal, não sabemos muito como se vive cá o Natal e não comemos nada em específico.”

Ao pensar nos natais que viveu no seu país, Fernanda realça, de imediato, a diferença de temperatura. “No Chile, o natal é no tempo de verão. É uma época de muito calor e as compras que se fazem são diferentes das de Portugal. Para se comprar tem que ser ou da parte da manhã, ou ao fim do dia porque é muito calor. Dar presentes também é hábito como aqui, as famílias também se juntam, há o pai natal e eventos de empresas, mas é sempre ao pé da piscina. Para mim o natal sempre foi com biquíni e uma toalha de praia e aqui é com uma manta”, diz Fernanda Aguilera.

Por esta altura, no Chile come-se peru com batatas e, para a sobremesa, sempre algo fresco, tal como “gelado ou fruta fresca.” Fernanda diz ver, em Espinho, “que o chocolate é muito usado nesta altura, mas no Chile não, até porque ficaria derretido”.

Por outro lado, nos Estados Unidos, James Shannon confessa que a tradição que mais recorda é a união da família, pois à mesa não há prato específico, a não ser as tradicionais bolachas de gengibre. “No meu país não há o costume de pratos tradicionais, come-se qualquer coisa, mas usa-se quase sempre fiambre. Já a forma como vivemos a quadra é muito igual à de Espinho. Também há frio, os dias são curtos e o tempo é dedicado à família. Neste aspeto, não é muito diferente de Portugal”, explica James Shannon.

Apesar de não ser grande apreciador de bacalhau, o casal estrangeiro gosta, por outro lado, da restante iguaria espinhense, em particular as lulas típicas de Espinho.

Embora goste do seu país e tenha saudades da família, Fernanda sabe que, em Portugal, a questão da segurança é mais forte. “Muitas vezes penso que quero voltar, quero estar com os meus amigos, mas o que há em Portugal é algo impagável que é a segurança. Aqui é muito calmo. Vemos muitas vezes carros, muito caros, estacionados na rua normalmente. Uma vez vimos um informático que deixou muitos aparelhos eletrónicos dentro do carro e não se passou nada. No Chile isso não acontece. O James uma vez foi a um restaurante e deixou o computador lá escondido, mas quando voltou já o tinham roubado”,

conta a companheira de James. “Já reparei que em Espinho as janelas não têm proteção e as mulheres podem andar à vontade na rua com a carteira. Isso no Chile não se vê. Lá existe muito o hábito de roubar as coisas. Se vamos no comboio com o telemóvel no bolso, quando saímos, o telemóvel já lá não vai estar e nem percebemos como é que isso aconteceu. Lá no Chile eu tinha sempre que colocar a minha mala à frente, aqui eu posso deixá-la no banco ao lado e até dormir no comboio”, conta Fernanda.

Neste momento a trabalhar no país, James e Fernanda não sabem como vai ser o futuro. Não sabem se vão ficar por cá “a vida toda”, mas querem-no, pelo menos, “enquanto os meninos forem pequenos”.

Atualmente, “a situação no Chile é complicada, mas pode ser que um dia mude”. “Talvez um dia consigamos voltar, mas agora não. Aqui o acesso à saúde é uma maravilha. Nos Estados Unidos ter um filho é muito caro e um parto pode custar 30 mil dólares. As creches também são muito caras. Os preços são uma loucura. Aqui ganha-se menos, mas também se paga menos”, adianta James Shannon, afirmando que agora a sua casa é em Espinho e que é por cá que se sentem “confortáveis”.

Depois de Kiev, Espinho é agora casa

O objetivo estava trilhado. Rayisa Grybinnyk saiu de Kiev, há 19 anos, para vir trabalhar em Portugal. Queria estabilizar a vida e, mais tarde, voltar para a sua terra. Mas não foi isso que aconteceu.

Partiu guiada pelo irmão. Também ele já tinha vindo tentar a sorte. Rayisa tinha apenas contacto com alguns conhecidos, mas não tinha amigos nem pessoas próximas.

Inicialmente fixou-se em Esmoriz, mas confessa que não gostou da cidade e, por isso, deu-se a mudança para Espinho. “Eu não conhecia a cidade, mas gostei logo dela. Tudo era perto e eu podia ir a qualquer lado a pé. Para qualquer lado que eu precisasse de ir, bastava-me caminhar”.

Rayisa Grybinnyk deixou a Ucrânia, o país onde nasceu, mas mais importante que tudo isso, deixou a filha Kseniya. A partir do momento em que se instalou em Espinho, Rayisa começou a trabalhar em restaurantes. Trabalhou em vários, o que ajudou na aprendizagem da nova língua. “No início foi complicado, mas aprendi muito nos restaurantes que trabalhei. Eles mostravam os objetos, ensinavam-me o nome e eu aprendia as novas palavras. Com o trabalho do dia-a-dia consegui aprender a língua”, conta a ucraniana.

Entretanto, Kseniya, veio viver para perto da mãe. Integrou-se na escola em Espinho e hoje, aos 29 anos, trabalha em Lisboa. “Quando ela veio para Espinho senti algumas dificuldades no primeiro ano, mas depois aprendeu bem a língua e hoje fala sem sotaque, ao contrário de mim que dá para perceber que sou estrangeira”, explica Rayisa.

Depois de alguns anos em Espinho, Rayisa teve a segunda filha, Francisca. Nasceu em Portugal e, para ela, “o português foi muito fácil”. Apesar de ter feito uma grande mudança na vida ao deixar Kiev por Espinho, Rayisa admite que essa transição “não foi esquisita”. “Tudo ficou mais calmo, aqui respira-se melhor. A cada dois anos vou a Kiev visitar os meus familiares e a Francisca gosta muito de ir porque é muita confusão, é um local muito movimentado. Aqui não é assim, é tudo mais calmo. Fiquei bem aqui em Espinho”, confessa.

Já com tanto tempo de vida em Espinho, Rayisa diz que com a correria do dia-a-dia não há muito tempo para pensar em saudades. “Eu estou sempre a fazer coisas e não paro para pensar muito. Ao início sentia mais falta de Kiev, mas com o trabalho não se pensa muito nisso”. Hoje em dia, Rayisa trabalha na Paróquia de Espinho. Deixou o mundo dos restaurantes e foi ali que encontrou estabilidade, já lá vão 16 anos.

“Em Kiev deixei o meu pai, a minha mãe, a minha irmã mais velha, sobrinhos, tios. A família toda. Os meus pais já tiveram oportunidade de vir a Espinho, entretanto o meu pai faleceu, mas vieram cá e gostaram muito da cidade. Andaram por aqui a pé, visitaram as ruas. A minha mãe já veio a Portugal três vezes e na última ficou mais de oito meses”, conta Rayisa, confessando que vai sempre comunicando com a família. “Hoje em dia é mais fácil, mas no início era muito complicado. Para telefonar, tínhamos que comprar cartões que custavam cinco euros. Hoje, felizmente, já não é assim. Além disso, estamos sempre em contacto com o país. Na televisão temos programas da Ucrânia e da Rússia. A minha filha Francisca também aprendeu a língua e, por isso, para nós isto é normal, já nos habituamos”.

Já muito próximo do Natal, Rayisa conta que, mais uma vez, vai celebrá-lo em Espinho, na companhia das filhas. Porém, no seu primeiro Natal na cidade não foi assim. “O primeiro Natal em Espinho foi um pouco triste porque a minha filha não estava cá. Havia muitos ucranianos e fizemos um convívio. A minha alma estava triste, mas não faltou comida nem convívio. Estava bem acolhida, até porque Portugal é um país que acolhe muito bem os estrangeiros”.

Desde que saiu do país, Rayisa nunca foi passar o Natal à Ucrânia. Sempre que lá vai é no verão, mas



© Sana Ferreira

“

O primeiro natal em Espinho foi um pouco triste porque a minha filha não estava cá. Havia muitos ucranianos e fizemos um convívio.”

Rayisa Grybinnyk, 51 anos

ainda hoje recorda os natais da sua infância. Filha de mãe polaca, o seu pai era da Bielorrússia e a família toda católica. Viviam o Natal no dia 24 e 25 de dezembro e, desse tempo, guarda “memórias muito boas”. “Havia muita comida, muita brincadeira e nós gostávamos muito de tangerinas e coca cola. Quando chegava a altura das festas e havia tangerinas e coca cola era uma alegria.”

À mesa da ceia de Natal, na Ucrânia, não pode faltar o célebre Kutíá, uma papa feita de trigo cozido com uma mistura de papoila. Rayisa explica que esta iguaria é comum, quer no Natal católico, quer no Natal ortodoxo. “O Natal ortodoxo começa no dia 6 de janeiro. Nessa noite há pessoas que se vestem de maneira tradicional, usando lenços, e que vão cantando casa a casa, umas cantigas pequeninas. Recebem chocolates e vão para outra casa”, recorda.

Rayisa, sendo católica, sempre celebrou o Natal nos dias 24 e 25 de dezembro, mas essa tradição foi alterada depois de se casar. “Antigamente nós tínhamos a tradição de passar o Natal a 24 e 25, só que nós também tínhamos o Natal ortodoxo no dia seis e sete porque

o meu primeiro marido era ortodoxo. Fazíamos primeiro o nosso, o Natal dos católicos, e depois o ortodoxo. Era engraçado porque tínhamos dois natais", conta Rayisa, recordando uma fase passada da sua vida.

Assim como a presença do Kutiá não pode faltar na mesa da Ucrânia, há outras tradições que não são quebradas. No Natal dos católicos, "há o costume de fazer 12 pratos diferentes e que correspondem aos 12 apóstolos que vão desde a salada, o peixe cozido e couve cozida." No entanto, estes só se podem comer depois do Kutiá. No final, para sobremesa "fazem-se bolos, crepes com queijo fresco e gelatina. Depende um pouco de cada família, mas crepes com queijo fresco não pode faltar", conta Rayisa Grybinnyk.

Como já está em Portugal há vários anos, Rayisa adquiriu as tradições lusas e aprendeu a fazer o bacalhau. "Hoje em dia, no Natal, faço bacalhau. Gosto muito, assim como as rabanadas de leite. Preparo o jantar com algumas coisas de Portugal e outras da Ucrânia. Mesmo os outros ucranianos que vivem cá acabam por fazer a comida daqui porque já estão habitados."

“

Estávamos sozinhos e o contacto que mantínhamos com a nossa família, em Espinho, era através de cartas porque nem telefone havia. Era muito difícil.”

Ana Rita Silva,
69 anos



© Isabel Faustino

De Espinho para França como obra do destino

Ana Rita Silva não é estrangeira, mas por momentos parece. É natural de Espinho, cidade onde viveu até aos 17 anos, mas a fuga do marido à tropa mudou-lhe o rumo da vida.

Estava casada há apenas quatro meses quando o marido partiu para França, por não concordar com a política

que, na altura, vigorava em Portugal. Viajou sozinho e Ana Rita partiu mais tarde. A ideia de deixar a cidade e a família nunca agradou a Ana Rita, mas como não pretendia abandonar o marido, entrou no comboio e foi. Hoje, 50 anos depois, ainda não voltou.

"Quando me fui embora, fui viver para Alsace e não gostei nada. Não conhecíamos ninguém, chegamos com uma mão na frente e outra atrás. Cheguei a França no mês de novembro. Quando vi tanta neve, só me lembro de chorar. O meu marido disse-me para eu entrar no comboio e vir embora, mas não o quis deixar sozinho", relembra.

O primeiro impacto foi duro, mas os dias que se seguiram não se tornaram mais fáceis. "Eu estava habituada a Espinho e cheguei a França, onde tudo era diferente, com muita neve e, principalmente, muito frio. Recordo-me que dormia de casaco comprido, gorro e luvas. Não tínhamos aquecimento na casa porque, na altura, não tínhamos dinheiro para isso. Havia pouco conforto e eu cheguei a roubar batatas dos campos para comer", conta Ana Rita Silva.

Para lhe dificultar ainda mais a vida em França, Ana não sabia falar a língua e, por isso, não gostava de sair à rua sozinho. "O meu marido incentivava-me a sair. Ele dizia que eu tinha que ir comprar pão, que não podia ser só ele, mas a primeira vez perdi-me. Entrei na padaria, mas quando sai já não sabia se era para o norte ou para o sul. Depois de algum tempo à procura da minha rua, encontrei uma criança, filha de uma portuguesa, que me explicou o caminho".

Quando lá chegou, o marido de Ana Rita foi trabalhar para a montanha. Mais tarde, mudou para uma fábrica já perto de casa. Nesta altura, o casal muda-se também. "Fomos para uma casa vazia. Cheguei lá apenas com uma saca na mão e o meu marido com uma bicicleta que lhe tinham emprestado. A nossa sorte foi termos conhecido um casal alemão que nos emprestou alguma mobília. Uma mesa redonda, duas cadeiras e uma cama. Empréstamos-nos isso até termos dinheiro para comprar e depois devolvemos, com o objetivo desse casal emprestar a outras pessoas que também precisavam".

Nesta casa, Ana Rita e o marido viveram seis anos. Como trabalhavam os dois, conseguiram comprar uma mobília de quarto e mudaram-se para um novo lar, numa altura em que o marido de Ana foi trabalhar para a Peugeot e Ana ficou grávida do primeiro filho.

Em França, o casal só teve possibilidade de vir a Espinho com a revolução de 1974, depois de permitirem o regresso dos emigrantes que tinham fugido à tropa. Nesta altura, Ana Rita e o marido já tinham três filhos e habituavam-se à vida que levavam. Não

quiseram retirar as crianças da escola e, por isso, só vinham a Espinho nas férias.

Os anos passaram. A vida em França tornava-se cada vez mais normal, mas as saudades estavam sempre presentes. "Eu chorava muito, principalmente no início. Passei momentos maus, fiz sacrifício, mas fiquei lá. Os portugueses não imaginam o que um emigrante passa quando não tem família num país novo. Estávamos sozinhos e o contacto que mantínhamos com a nossa família, em Espinho, era através de cartas porque nem telefone havia. Era muito difícil", relembra Ana Rita Silva.

Apesar de viverem num país estrangeiro, Ana Rita, o marido e os três filhos faziam as tradições portuguesas. "No início, os natais eram passados só entre nós. Não tínhamos ninguém, nem pais, irmãos, nada. Passávamos juntos e chorávamos porque eu tinha os meus pais em Espinho. Fazíamos o nosso bacalhau, as batatas e as rabanadas. Foi sempre assim até os meninos crescerem e casarem", explica Ana Rita que hoje já é avó de sete netos.

Tempo depois, o marido de Ana faleceu. Hoje, ainda a viver em França, prepara o regresso. Atualmente está de férias, em Espinho, e é por cá que vai passar o Natal, junto das irmãs. Uma vez que o marido partiu num dia de Natal, Ana confessa que a quadra não tem significado. Porém, recorda com carinho os natais misturados de Portugal e França. "Lá é muito diferente. Come-se 'foie gras', patés e é tudo muito à base de aperitivos e coisas no forno. No dia 25 de dezembro preparam peru recheado, mas as minhas noras, como são francesas e como gostam da minha maneira de preparar o Natal, pedem para eu fazer certas coisas portuguesas. Eu fiz muitas vezes rabanadas, aletria e filhoses. Elas gostavam de fazer a consoada francesa, mas queriam que eu fizesse sempre qualquer coisa. Acaba-se por juntar as tradições dos dois países."

À medida que os anos passaram, Ana Rita Silva acabou por se habituar ao Natal francês e considera-o "muito bonito". "Gosto das músicas, do vinho com canela que servem e dos bolinhos com mel. Ao longo do tempo fui habituando-me às tradições."

Com o Natal de 2020 a chegar, Ana Rita prepara-se para o celebrar em Espinho, longe dos filhos e netos. Devido à pandemia, não vai viajar para França e está a preparar o regresso definitivo, depois de 50 anos a sentir-se estrangeira. ★

O que eu gosto do Natal é das memórias. Gosto de acordar a pensar no que ficou lá atrás, procurar nas recordações o que vai reaparecendo em tons sépia ou fotos de cores desbotadas. Memórias a que damos um sopro forte - assim se limpa o pó dos anos - e que se reavivam com um carinho especial.

Que bom ter memória porque, do nada, cria-se uma filinha de recordações que voltam a ter cheiros, arrepios e um encanto mágico que diz muito e diferente a cada um. Sem saudosismos serôdicos, o nosso Natal de infância é que era!

Não sei se vos acontece o mesmo, mas é como pequenos fragmentos de ser que estão arrumadinhos e só batem à porta em alturas e datas certas, como que a lembrar que os tempos mudam e nós vamos ficando por cá, sempre a jogar às escondidas com os anos e a evolução das tradições. Bem sei que alguns desses costumes perdem-se na voracidade do marketing e na necessidade de impor marcas, costumes importados que abafam ou simplesmente esmagam, sem apego, as nossas verdadeiras tradições.

Poucos se lembram - talvez nem saibam - mas o Pai Natal tinha vestes verdes ou brancas até a Coca-Cola lhe impor pela publicidade o vermelho-vivo. Realmente, a Coca-Cola está em todo o lado, e o Pai Natal também. Mas era de verde que ele se vestia. Que eu saiba, não bebia refrigerantes, durante a sua atarefada distribuição de prendas.

Nasci em 1963. Por isso, acho que já posso dizer: "Eu ainda sou do tempo..."

Na minha infância, era o Menino Jesus que trazia as prendas e que as colocava no sapatinho, mas deixei de acreditar nessa doce fantasia pelos sete anos, talvez um ano antes. Sem dramas nem trauma, essa revelação nunca conversada lá em casa (há assuntos que nunca se discutem com os pais, certo?...) aconteceu após uma noite de Natal mal dormida pela animação da festa. Acordei cedo e pressenti que a minha mãe, junto da chaminé, dava um jeitinho aos sapatos que eu e a minha irmã lá tínhamos deixado ao deitar, esperançados na visita. Ora, a minha mãe foi apanhada a substituir-se ao Menino Jesus! A coisa não me agradou no momento.

Mas diz-me a memória que não foi uma desilusão muito grande. Eu bem que já andava desconfiado desde o ano anterior... Eu queria mesmo é que as prendinhas lá estivessem, fosse mãe ou Menino a cumprir a tradição. Invariavelmente, havia pantufas, camisola nova, uns chocolates melhorzinhos e um brinquedo. Era certamente um brinquedo muito especial, porque havia poucos.

O dia seguinte, dia de Natal, era obrigatório ir à missa com a roupa nova. Com sorte também levava sapatos a brilhar de novidade. Quase sempre eram um número acima, com algodão na ponta, para durar mais tempo e acompanhar o crescimento.

Tenho de novo a memória a falar-me ao ouvido: diz-me que nessas missas de Natal cheirava sempre tudo a novo, numa mistura de naftalina molhada. No final beijava-se o Menino. Era (e ainda será, digo eu...) uma imagem perfeitinha de barro, um Menino Jesus de feições redondas e olhos de vidro azulinho bem trabalhado, como as melhores próteses para a cegueira. Escusado será dizer que se fazia fila para o beijo ao Menino, numa veneração festiva.

O coro dava o seu melhor pelas canções de Natal e o rechonchudo bebé de barro, nas mãos do

senhor padre, ficava com os pés quentes de tantas beijocas. Não... ninguém pensava em transmissão de vírus ou em herpes labial, bicharocos pequeninos deixados no dedo grande do pé daquele Menino Jesus de barro que seguia sem pestanejar a celebração do ritual antigo. Contágios nesse dia tiravam folga.

Eram assim os natais da minha infância. Numa confissão muito pessoal, o que eu mais gostava era do final da missa, o regressar a casa de braço enfiado na minha avó Margarida. Quase reponho o cheiro do caminho e o frio húmido que se sentia quando o Natal era molhado e frio.

Não me lembro de que, em casa dela, o Natal tivesse grandes ornamentações ou festejo de luzes e adereços. Na verdade, o que lhe faltava de piscapisca, transbordava de carinho e alegria.

A árvore de Natal da minha avó, a que melhor me lembra na infância de aldeia, (mesmo aqui ao lado, no Lugar de Espinho, em S. Félix) era um pinheiro verdadeiro. Não era um pinheiro nórdico, era um pinheiro nosso, sem vocação para pinheiro natalício, mas tinha que ser. Lembro-me sempre de lá ver um pinheiro desengonçado, ramos assimétricos e que, desde que se cortava, em finais de Novembro, ficava a largar resina, como que a chorar por acabar lá para Janeiro no forno ou no fogão a lenha.

A árvore da minha avó não tinha luzinhas: tinha uns enfeites que se guardavam, esquecidos na gaveta, até ao ano seguinte. A disfarçar neve gastava-se um pacote de algodão em rama. Tinha também umas bolas, guarda-chuvas pendurados, sininhos e todos os adereços de chocolate que misteriosamente iam desaparecendo até o final das festas.

Era um tempo de Natal mais pobre, mas talvez mais alegre, mais vivido, menos consumista e, de forma diferente, feliz.

Alguns desses protagonistas de natais passados já partiram, outros são só memória de saudade boa; alguns, mais tristonhos ou a esconder mazelas da idade, lá se adaptam às festas consumistas de agora. Celebram com vinho quente, divertem-se com os netos, talvez um dia destes já os bisnetos que desembulham eufóricos a nova consola, recebem o último modelo de telemóvel, correm a ligar o computador para, no Facebook, deixar os recados de falsa intimidade e fotos das prendinhas que o Pai Natal deixou e em quem eles fingem ainda acreditar.

Agora são tantas prendas que nem vale a pena deixar um sapatinho, a chaminé é um exaustor. Para as prendinhas, é preciso ter eletricidade perto, Internet ligada.

Já não vou à missa de Natal, também já não tenho o xaille da avó para me aconchegar no regresso a casa. E que falta que ele me faz às vezes.

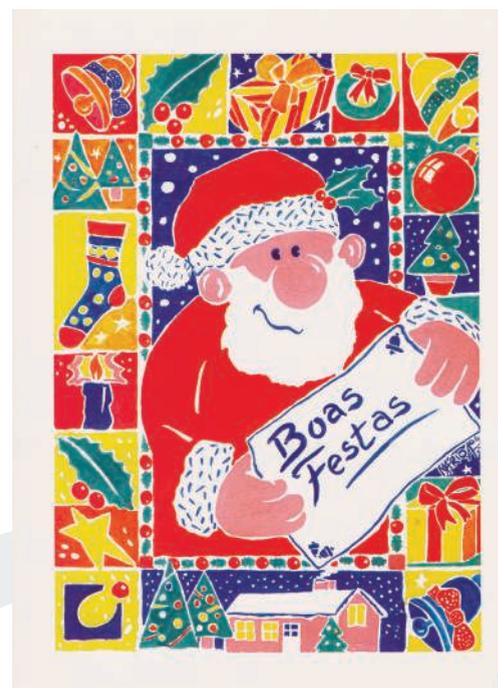
O tempo não deixa de contar, a vida é uma engrenagem perfeita, é por isso que cada uma tem a magia do natal no tempo certo.

Neste ano em que o Natal parece estranho e inquietante para os tempos que correm, não deixem que as angústias vos roubem o encanto, menos prendas, menos gastos... vá lá, recuperem mais memórias...mais abraços como os que deram e receberam nos melhores natais da vossa vida. Não tenham medo de contar porque, no final, o que fica são as memórias, as boas recordações. ♦



Texto
Mário Augusto
Jornalista

Valha-nos a memória do Natal



Pai Natal Invisível

Texto
Lúcio Alberto
Ilustrações
Mariana Crisóstomo

As crianças olhavam para ele com acentuada curiosidade, enquanto os pais apressavam-se a entrar na loja e quase as arrastavam, alegando que não tinham tempo para nada. Bastava-lhes olhar de relance para a montra e decidir comprar ali as meias para oferecer à velhinha, que o coração teimava em mantê-la viva no sótão da casa, construída na flor da idade com o defunto marido.

Era uma questão de tempo...

Mais dia ou menos dia, a longevidade da velhota sucumbe e a herança das paredes e telhas é consumada. As economias que restam no banco, e debaixo do colchão de uma cama agora raramente feita de lavado, vão desaparecendo com devaneios e caprichos sociais de encher o olho da vizinhança e das amigas de ocasião.

Era uma questão de tempo...

O tempo minguava para correr desenfreadamente para outra loja. Talvez mais apelativa ao gosto requintado e apropriada ao esbanjamento do que ainda dava volume à carteira. Ou dos cartões quase sem crédito.

O homem vestido de vermelho (branqueado aqui e ali) e com capuz, calçando botas pretas até aos joelhos e empunhando balões para oferecer, esboçava sorrisos. E prestava atenção afável a quem o saudasse ou lhe acenasse do outro lado da rua.

E assim ia passando o tempo...

A noite já caíra e a loja mergulhara no silêncio, embora a montra se mantivesse iluminada e excessivamente decorada para atrair os indecisos e retardados, que habitualmente deixavam as compras para o dia da véspera natalícia. O homem dirigira-se à confeitaria, na esperança de ainda encontrar aberta para comprar pão com chouriço e um croissant - seria o menu do jantar, com a pequena garrafa de água que encontrara abandonada. Tinha ganho uma nota de poucos euros durante a semana, representando o Pai Natal na loja de roupa e miudezas da rua próxima ao jardim, onde, por estes dias, pernoitava. A 'notita' ainda renderia para um galão e um pão com manteiga para o vigorizar no pequeno-almoço do dia seguinte.

Era, agora, também uma questão de tempo...

O tempo que lhe restava para viver em privacidade no seu lar.

Aproximou-se de um banco e inalou o perfume das flores que o vento sacudia. Também cheirou a erva e protegeu-se do inverno nas costas de uma árvore, virada para a centralidade cidadina. Olhou para o horizonte, desviando logo a atenção para o rés-do-chão que pisava e, de seguida, também para o telhado estrelado. Sentou-se. Comeu e bebeu. Voltou a mirar o mundo que ainda pulsava freneticamente. Era um corre-corre entre carros e prédios, com sacos repletos de prendas para pôr junto às árvores de Natal, ou entregar em casa de alguém especial por afinidade e empatia, ou interesseiramente por este ou aquele motivo circunstancial.

O homem vestido de Pai Natal fechou-se em casa,

sem bater a porta e fechar as janelas. Estendeu-se no banco para mais confortavelmente repousar e esperou pelo sono, contando as estrelas.

Tardava a adormecer e, por isso, exercitou o pensamento. Retrospetivou um pouco de tudo e perspetivou os dias seguintes de nada. E, finalmente, sonhou.

Era, então, um Pai Natal invisível e que penetrava pelas frinchas nas casas da vizinhança. Até conseguia atravessar paredes ou descer pelas chaminés, sem qualquer ruído ou entrave.

Pensou naquela personagem e lembrou-se que lhe tinham dito que São Nicolau teria dado, secretamente, presentes às filhas de um falido comerciante. Sem dotes para os casamentos, estava prestes a abandoná-las à sorte madrasta da vida. E talvez fosse por isso que era costume dar-se presentes na véspera de Natal.

Também lhe relataram que São Nicolau, conhecido por o 'Bom Velhinho', ia de casa em casa, com um saco às costas, dando bons conselhos e prendas. E noutras casas, porque não lhe sobrava tempo para entrar, deixava presentes nos sapatos postos do lado de fora da janela.

O Pai Natal invisível ouvira tanta coisa sobre São Nicolau, que já não conseguia discernir a realidade da ficção. Porém, São Nicolau era a referência da bondade e do altruísmo que o moldaram em meia dúzia de décadas.



Já estava no interior de uma casa e nem se apercebera, absorto com o que, há pouco mais de meio século, lhe tinham contado sobre o santo. Reparou, então, em duas crianças sentadas num sofá e atentas ao que o avô, numa cadeira de rodas, lhes dizia.

«Conta-se que Nicolau foi generoso, desde muito cedo. Quando os abastados pais morreram, o tio aconselhou-o a viajar até à Terra Santa mas, no regresso a casa, doou os bens, passando a viver na pobreza.»

A neta estava ansiosa por saber quem era, afinal, a figura que lhe trazia as prendas, todos os anos.

«E o Pai Natal?!»

– «Calma! Ainda agora comecei.. Quando o bispo de Myra da altura morreu, os anciões da cidade não sabiam quem deviam nomear para bispo, colocando a decisão na vontade de Deus. Na noite seguinte, o ancião mais velho sonhou com Deus, que lhe disse que o primeiro homem a entrar na igreja, no



Esperou pelo sono contando as estrelas

dia seguinte, devia ser nomeado bispo. E foi assim que Nicolau se tornou bispo e também santo. São Nicolau é conhecido como figura lendária que distribui prendas na época do Natal.»

O neto também estava impaciente.

– «Avô, o que nós queremos é saber do Pai Natal!»
«Calma! Está quase a chegar... Segundo li, a festa de S. Nicolau era celebrada a 6 de dezembro, com a entrega de presentes, mas passou a ser associada pelos cristãos ao dia de Natal, ou seja a 25 de dezembro, embora nos últimos tempos a distribuição das prendas aconteça na noite da véspera. Logo a seguir à consoada ou, para vocês perceberem melhor, a seguir ao jantar.»

A neta apressou-se a dizer:

– «O Pai Natal é velhinho! Tem uma grande barriga e barba branca.»

E o irmão acrescentou:

– «E é simpático! Tem um trenó puxado por renas e com prendas. Eu gosto muito do Pai Natal!»

O avô sorriu, respirou fundo e aproveitou para passar uma mensagem pedagógica.

– «O Pai Natal passa por cada uma das casas de todas as crianças bem comportadas.»

A neta ficou algo indiferente à mensagem do bom comportamento. Estava mais interessada nas prendas.

– «O Pai Natal entra em casa pela chaminé e põe os presentes na árvore de Natal.»

E o irmão acrescentou:

– «Ou põe nas meias penduradas na lareira.»

Com toda a paciência do mundo e a ternura adquirida com a idade, o avô perguntou:

– «Estamos a falar do São Nicolau ou do Pai Natal?»

A neta é rápida na resposta:

– «O velhinho gordinho e de barba branca!»

E o irmão acrescenta:

– «Aquele senhor simpático e que traz as nossas prendas!»

O avô voltou a questionar os netos:

– «E já escreveram as vossas cartas ao Pai Natal? Quais foram os presentes que pediram?»

Ela elevou a voz, com a alegria estampada no rosto.

– «Já!»

E ele deixou, serenamente, um reparo ao avô.

– «O pedido das prendas é segredo. Nós pedimos, ele traz e logo se vê quando rasgarmos os embrulhos!»

A neta também ficou curiosa, como o avô.

– «E tu, o que é que pediste ao Pai Natal? Já escreveste a carta?»

O idoso nem hesitou:

– «Já que não posso andar sem a cadeira de rodas, pedi o vosso sorriso! Mas nem precisava de escrever...»

O Pai Natal invisível sorriu e mudou de casa, tendo-se deparado com um cenário diferente.

Uma velhinha tentava adormecer a neta entusiasmada com a aproximação do Natal. A criança estava fascinada com a fantasia natalícia, o piscar da iluminação da árvore com bolinhas e brilhantes decorações, que lhe davam azo à



imaginação.

– «Avó, o Pai Natal vem amanhã à noite com as renas?»

«Nunca as vi, mas se tu achas que o Pai Natal vem com as renas e o trenó, é preciso que haja neve! Não achas?!»

«Avó, eu acho que o Pai Natal vem com as renas. E, claro, que vem num trenó! Dizes que é preciso neve? O meu pai disse que aqui nunca há neve. E a minha mãe acha que há neve na árvore de Natal!»

A avó leu-lhe, então, o mito das renas do Pai Natal, criado com o costume de países em que as pessoas se deslocavam na neve usando um trenó puxado por cervídeos.

– «E o Pai Natal? Avó, o Pai Natal não anda de trenó puxado por renas?!»

«As renas do Pai Natal são especiais.»

«Especiais?!»

«Sim, especiais, porque são as únicas que conseguem voar.»

«Elas voam?!»

«Sim, para que ele possa entregar os presentes sem atraso às crianças do mundo inteiro.»

«Isso, eu não sabia, avó. Pensava que o Pai Natal e as renas só vinham aqui e às casas das outras crianças que eu conheço.»

«Não, ele vai a todo lado onde há crianças.»

«Avó, quantas renas tem o Pai Natal?»

«Deixa-me pensar... Oito! E, se as vires, podes chamá-las pelos nomes. Deixa-me lembrar... Ah, já sei. São parecidas, mas se chamares pelos nomes talvez deem sinal de quem são. Uma é a Corredora e as outras são Dançarina, Empinadora, Raposa, Cometa, Cupido, Trovão, Relâmpago e Rodolfo.»

«Rodolfo não parece nome de rena...»

«Mas é, netinha! Quando o Pai Natal chegou a uma das casas, para entregar os presentes, encontrou por acaso a rena Rodolfo, que era diferente das suas outras renas pois tinha um nariz vermelho e luminoso. E dizia a lenda que, como nessa noite, o nevoeiro era muito intenso, o Pai Natal pediu a Rodolfo que se juntasse a ele e liderasse as suas renas de modo a que não se perdessem pelo caminho.»

«Avó, não estou a perceber.»

«Segundo a lenda, Rodolfo passou a ser a rena que guia o trenó do Pai Natal todos os Natais.»

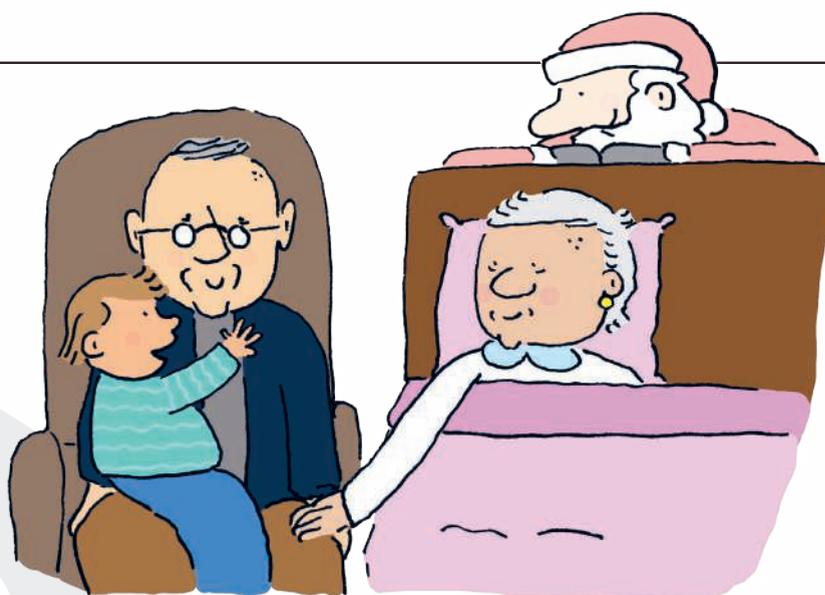
«Avó, não percebo o que é isso de lenda!»

«Eu explico, mas continua a acreditar no Pai Natal!»



A criança estava fascinada com a fantasia natalícia

«Avô,
conheces os
Reis Magos?»
- perguntou
o menino



E também nas renas do Pai Natal!»

O Pai Natal invisível ficou enternecido e dirigiu-se para outra casa. Um menino perguntava se o avô conhecia os Reis Magos. A avó estava deitada na cama, aliviando as dores do corpo envelhecido que carregava e lhe atrofiavam a mobilidade. E ficou curiosa com a resposta que o seu companheiro, de vida árdua e retidão, iria dar.»

– «Não os conheço pessoalmente, mas sei quem são: Melchior, Gaspar e Baltazar.»

«E só sabes isso deles? Avô, eles são amigos do Menino Jesus. Levaram presentes quando o Menino Jesus nasceu... Ou não foi assim?»

«Sim, foi assim.»

«E como é que eles foram até ao presépio?»

«Até ao presépio?!»

«Avô, não é o que está na nossa sala. É aquele onde nasceu o Menino Jesus!»

«Ah, pois... Os três Reis Magos seguiram, desde o Oriente, a Estrela de Belém, até ao Menino Jesus. Tinham sabido do nascimento de um rei e foram visitá-lo.»

A mulher interrompeu-o:

– «Conta toda a verdade.»

«Mas tu sabes que é uma lenda, mulher!»

«Mas conta tudo direitinho ao nosso menino.»

«Está bem. Vou tentar e espero que o miúdo perceba.»

«Então conta!»

«Como eu dizia, os Reis Magos tinham sabido do nascimento de um rei, mas o Rei Herodes queria que eles fossem confirmar e, sem lhes dar a entender, queria ver-se livre desse novo rei, considerando que se tratava de uma ameaça.»

O neto olhava-o fixamente e nem se mexia.



– «Mulher, será que o miúdo está a perceber alguma coisa daquilo que estou a dizer?»

«Talvez sim, ou talvez não... Já não sei!»

«Continua, avô. Eu estou a ouvir, mas quero que fales do Melchior, do Gaspar e do Baltazar.»

«Ah! Podes não perceber, mas estás atento.»

«Continua, avô, que eu estou a ouvir-te.»

«Ora bem... Os três Reis Magos encontraram o Menino Jesus e festejaram o nascimento, tendo oferecido ouro, incenso e mirra.»

«Sei o que é ouro, mas não temos muito, não é avô?»

«Ou quase nenhum...»

«E o que é incenso e mirra?»

«A tua avó explica-te depois. Agora, deixa-me acabar o que estava a contar.»

«Continua, avô. Continua...»

«Os Reis Magos não voltaram a estar com o Rei Herodes. Foram alertados em sonhos, da intenção dele em matar o Menino Jesus.»

«O homem era mau! Avô, tu és bom! Avô, também gosto muito de ti!»

Os idosos sorriram e, emocionados, deixaram correr lágrimas, rendendo-se ao rei-neto que lhes dava alento para o resto da vida. O Pai Natal invisível sentiu vontade de abraçar os avós e o neto que, naquele quarto, corporizavam o espírito natalício e eram, de facto, reis (magos).

Outra casa, outros personagens, outro enredo para o Pai Natal invisível: Uma menina oferecia uma flor à mãe. O pai virou a cara para que a pequenota não reparasse nos olhos chorosos que, porém, espelhavam uma alegria do tamanho do mundo. A mulher conteve exteriormente a emoção, mas o ego estava imensamente cheio e a alma revigorava o corpo de onde brotara o rebento de uma gestação difícil.

– «Mãe, esta é a flor de Natal.»

«Obrigada, meu anjo!»

«Pai, a flor também é para ti!»

«Obrigado, meu tesouro!»

«Sou um anjo?! Sou um tesouro?! Eu sou eu...»

Enquanto a mãe já não conseguia conter a emoção, exteriorizando o que lhe alegrava o coração, o pai agachou-se até os olhos nivelarem com os da filha e fazer-lhe uma revelação.

– «Diz a lenda que uma menina chamada Pepita,

sendo pobre, não podia oferecer um presente merecedor ao Menino Jesus, na missa de Natal.»

«E o que é a lenda?»

«É o que nós quisermos que seja. Quando cresceres saberás entender o que é uma lenda, mas o significado real.»

«Eu quero ser grande! E também me chamo Pepita...»

«Sim, mas tens muito tempo e a vida pela frente.

Aproveita seres ainda criança. És e serás sempre a nossa flor!»

Entretanto, a mulher incentivou-o a concluir a lenda. Ele fez um compasso de espera.

– «Ah, pois...»

«Pai, estavas a falar da menina com o nome igual ao meu...»

«Ah, pois... Muito triste, a Pepita contou o facto ao seu primo Pedro, que ia com ela a caminho da igreja. Pedro disse-lhe que ela não tinha que estar triste. De facto, o que mais importa quando oferecemos algo a alguém, é o amor com que oferecemos, especialmente aos olhos de Jesus. E foi assim que, segundo a lenda, Pepita se lembrou de ir recolhendo alguns ramos secos que ia encontrando pelo caminho, para oferecer a Jesus.

«Pai, eu gosto muito de te ouvir!»

«Muito obrigado, Pepita! Mas eu ainda não acabei a lenda... Vou continuar, está bem?»

«Sim.»

«Quando chegou à igreja, Pepita olhou para os ramos que colheu e chorou. Achava que ia oferecer uma coisa muito pobre. Mas era com todo o seu amor. E quando pôs os ramos em frente da imagem do Menino Jesus, na igreja, eles ficaram vermelhos e brilhantes. Foi o milagre daquele Natal.»

«Que linda história! Mãe, também gosto muito de te ouvir quando contas histórias para eu adormecer.»

«E eu adoro adormecer-te. És o nosso milagre de Natal! És o milagre da nossa vida!»

O Pai Natal invisível ficou, então, motivado para visitar mais uma casa. A ternura daquele quadro familiar fez-lhe esquecer momentaneamente as agruras da sua vida sem um momento igual ou sequer parecido...

Era uma vez um pobre sapateiro que vivia numa cabana, na encruzilhada de um caminho, perto de um pequeno e humilde povoado.

O Pai Natal invisível já escutava um senhor a caminho dos 90 anos de idade e que estava sentado na cama a entreter os netos gémeos, lendo-lhes a lenda de um sapateiro.

– «Como era um homem bom e queria ajudar os viajantes, que à noite por ali passavam, deixava na janela da sua casa, uma vela acesa todas as noites, de modo a guiá-los. E, apesar da doença e da fome, nunca deixou de acender a sua vela. Veio então uma grande guerra, e todos os jovens partiram, deixando a cidade ainda mais pobre e triste. As pessoas do povoado ao verem a persistência daquele pobre sapateiro, que continuava a viver a sua vida cheio de esperança e bondade, decidiram imitá-lo e, naquela noite, que era a véspera de Natal, todos acenderam uma vela nas suas casas, iluminando todo o povoado. À meia-noite, os sinos da igreja começaram a tocar, anunciando a boa notícia: a guerra tinha acabado e os jovens regressavam às suas casas!»

E depois, avô? Lê tudo, antes de termos de ir para casa.

– «Todos gritaram que era um milagre! O milagre das velas! A partir daquele dia, acender uma vela tornou-se tradição em quase todos os povos, na véspera de Natal.»

A filha acabara de chegar e deixa entreaberta a porta da casa e, espreitando, para o quarto, quase grita:

Vamos embora, rapaziada, que o vosso pai está lá fora, no carro, à espera!

De repente, esfriou o calor humano no quarto.

Fez-se silêncio. O homem ficara gelado e olhava para a porta do quarto que ficara escancarada com a corrida dos miúdos atrás da mãe, que nem deixara um adeus ou um até amanhã...

– «Não fiques assim. Já devias estar habituado. Eles vivem para eles. Ela só se preocupa com as amigas. E até nem são assim tão amigas, mas, sabes como é... vivem só de aparências! Ele só quer comezainas e conversa de treta encharcada com álcool. Andam de carro para trás e para a frente, para tudo e para nada... E mudam de automóvel e de telemóvel como quem muda de camisa...»

«E os miúdos? Esses não têm culpa, mas estão a ser mal-habitados. E tu, homem de Deus, já devias estar habituado. Olha, eu já estou. Pois, pois...estou

«Todos gritaram que era um milagre!»



© 2020 McDonald's



Amanhã é véspera de Natal

aqui deitada porque fiquei entravada por causa daquele estúpido acidente de trabalho e ela nem sequer me pergunta se estou bem ou mal, se preciso disto ou daquilo. Ai, homem, se não fosses tu, o que seria de mim?»

«Eu só estava aqui, a pensar com os meus botões, na vida.»

«Estás a matutar.»

«Sim, estou a magicar, chama-lhe isso o que quiseres. Amanhã é véspera de Natal. E eles, que moram tão perto de nós, se calhar nem vão passar por cá, nem que seja para dizer bom dia, boa tarde ou boa noite...»

O Pai Natal acordou com o sol a bater-lhe nos olhos. Nem parecia que o calendário estava a cerca de uma semana de ficar sem folhas, como o jardim que olhava, ainda ensonado. Não estava frio e, por isso, guardou o rompido cobertor no saco que também lhe tinham oferecido. Reparou que já não era invisível. Levantou-se e foi até à loja que, nesse dia, fecharia a meio da tarde. A dona e as funcionárias queriam ir embora mais cedo para prepararem as consoadas com as suas famílias. Foram horas de azáfama e de boas-festas destes e daqueles, daqui e para ali... As horas passavam, as pessoas ficavam mais apressadas e até as crianças já não reparavam no Pai Natal, que estava à porta da loja acenando e oferecendo balões. Nem os balões já desperjavam a atenção da pequenada. Já ninguém soletrava as canções que os altifalantes gritavam incessantemente. Até que se fez silêncio. A rua ficara vazia. A noite caíra mais cedo. O Pai Natal olhou para as moedas que lhe tinham oferecido, naquele serviço mesclado de animador e peça decorativa. E, mais do que isso, só lhe desejaram boas-festas... Vá lá, tinham-lhe oferecido uma sande de queijo, uma fatia de bolo-rei, fruta e um refrigerante, obséquio para com quem ficara de plantão ininterruptamente, exceto para ir à

casa-de-banho, onde, manhã cedo, aproveitara para lavar a cara e as mãos.

O Pai Natal chegou à padaria, mas estava encerrada. A confeitaria também. Já toda a gente estava em casa, preparando-se para a consoada em família. Os trocos recebidos nesse dia, não lhe serviam para nada nessa noite. Nem para pão ou água. Estava tudo desertificado. Só ele é que deambulava por ali. Chorou, mas recompôs-se. Foi até ao jardim e sentou-se num banco. Desejou boa-noite à lua e boas-festas para todos que já conhecera ao longo da vida. Voltou a chorar, agora copiosamente. Esforçou-se para serenar. Conseguiu, sem ser plenamente.

Recordou a gata pretinha e de olhar esverdeado que há muito partira com uma maldita doença. Vinte anos depois, as saudades apertavam. A Tuxa tinha sido especial: Uma personalidade vincada mas uma ternura de mel. Uma grande companheira que lhe custou inconsolavelmente sepultar. Chorou outra vez, lembrando-se também do lourinho. A vida tinha-os separado. Outro grande companheiro, ora resmungão, ora terno e meloso. O Pai Natal chorou como uma criança. Descarregou. Fez-lhe bem. Exteriorizou o que lhe ia na alma. O coração pressionava e o estômago apertava. O Pai

Natal estava exausto. Queria adormecer e não acordar. Infeliz, esfomeado e sequioso, ouviu a travagem de um carro. Levantou a cabeça e olhou para uma das entradas do jardim. Alguém ladeava um cão que avançava com dificuldade. A velhice pesava e as artroses também não ajudavam.

– «Até que enfim que te encontrei! Tantos meses à tua procura...»

Era um amigo que lhe trouxera o lourinho!

Sim, era a melhor prenda de Natal!

O Pai Natal gritou:

– «Bosko!» ♦



Fim

ESPINHO CIDADE ENCANTADA

TRADIÇÃO DE NATAL... É NO COMÉRCIO LOCAL

Espinho mantém viva a tradição do Natal, celebrando-a este ano de forma especial.

“Eu compro no comércio local!”

Ao comprar no comércio local habilita-se a ganhar vouchers de 20€ a 1.000€ em compras nos estabelecimentos aderentes. Faça as suas compras de Natal em Espinho.

Ao participar nesta campanha está também a contribuir para o apoio alimentar às famílias mais desfavorecidas.

Campanha válida de 25 nov'20 a 6 de jan'21.

Consulte normas em www.cm-espinho.pt





Miniaturas que marcam a história do desporto automóvel para a delícia dos colecionadores

Texto
Manuel Proença
Fotografia
Isabel Faustino

Um Fiat 131 Abarth (1978), de Walter Röhr/Christian Geisdörfer, ou um Audi Quatro (1985) que participou no Rally da Suécia, de Malcom Wilson/Nigel Harris, ou ainda um Ford Sierra RS Cosworth (1987), de Mark Lovell/Jerry Williams, são algumas das novidades da Troféu, a marca de miniaturas automóveis de Espinho, que desde 1987 faz as delícias dos colecionadores.

A Replicar, empresa responsável pela marca, está na Zona Industrial, em Silvalde, e tem 25 colaboradores.

“**H**á uma decisão sobre o modelo a fabricar que é tida com base na sensibilidade que temos do mercado. Visto o modelo, através de fotografias, começa-se a desenhá-lo em 3D, com todas as peças que irão ser usadas. E só depois disto é que se passa a todo o processo de fabrico”, explica o sócio-gerente, José Carlos Gonçalves, enquanto nos mostra todos os ‘cantos’ por onde passa o processo de fabrico de um único modelo de uma miniatura automóvel.

Posteriormente, são elaborados os moldes, também dentro das instalações da empresa, de acordo com os desenhos que são apresentados. “É um processo caríssimo. Cada molde custa-nos cerca de 45 mil euros e, por isso, tudo tem de ser pensado de forma a rentabilizar este negócio”, prossegue o mentor da Troféu, a marca das miniaturas feitas em Espinho há mais de 30 anos.

“Esta atividade usa marcas conceituadas e, por isso, está sujeita ao pagamento de ‘royalties’. Por isso, nos carros mais recentes, além de haver muita competitividade, esses valores são muito elevados e, por isso, o risco financeiro é enorme. É por isso que reproduzimos carros muito antigos, entre

as décadas de 70 e de 90 e que quase estão isentos desses pagamentos”, explica José Carlos Gonçalves, acrescentando que a sua empresa procura “fazer algo que não exista no mercado”, uma vez que “este negócio das miniaturas é muito do momento, ou seja, os colecionadores querem ter o produto quase de imediato”.

O negócio está, assim, direcionado para os colecionadores. Embora a empresa tenha como objeto da atividade económica os brinquedos, a venda é proibida a menores de 14 anos, porque as miniaturas têm peças muito pequenas. “O objetivo destas miniaturas é estarem numa vitrina”, acrescenta José Carlos.

“Quando começámos a nossa atividade havia muitos fabricantes na Europa, mas esta atividade começou a complicar-se e quando apareceu a oferta vinda da China, caíram imensos fabricantes. Hoje, na Europa, somos nós e um outro fabricante em Itália”, explica o sócio-gerente da Replicar.

“Não tenho a presunção de dizer que nós fazemos melhor! Na China fazem-se coisas que nós não conseguiríamos fazer por preço nenhum! Muitas vezes associa-se a ideia de que tudo o que é feito na China é de fraca qualidade! Mão

não é efetivamente assim! Antes pelo contrário”, adianta José Carlos Gonçalves, mostrando-nos detalhadamente os ‘cantos da casa’ e toda a maquinaria que está instalada e preparada para a fabricação das miniaturas.

O processo começa no rés-do-chão, com o desenho do modelo, no gabinete de design. Depois passa para a zona da criação dos moldes e, posteriormente, para a montagem e para a pintura que é feita num espaço, como se tratasse de uma oficina automóvel e de pintura, com uma estufa. “Não pode falhar nada e a pintura das miniaturas tem de ser perfeita”, explica, mostrando todo o sistema que criou, com a extração de ar de forma a que a pintura seja feita na perfeição.

“E aqui temos imensas revistas sobre automóveis, que comprámos, para podermos desenhar os nossos modelos ao pormenor”, disse, ainda, José Carlos Gonçalves mostrando os armários onde se encontram guardadas milhares de publicações.

No primeiro piso do edifício está a zona onde se encontram a trabalhar mais colaboradores. É a parte da montagem final das miniaturas. Onde se aplicam os bancos, os vidros, os faróis, as antenas, as jantes, os pneus e os autocolantes. Tudo é feito milimétrica e meticulosamente, por um grupo de colaboradoras, algumas que já levam cerca de três décadas ao serviço da empresa.

Também neste piso superior estão as caixas com as peças dos modelos. Tudo está devidamente catalogado e sinalizado, de acordo com as respetivas secções.

As miniaturas da Troféu estão, assim, prontas para a venda. Cada uma tem um valor aproximado de 50 euros e destinam-se aos colecionadores.

“Fui ganhando o gosto em preservar essas miniaturas, ao contrário de muitas crianças que as estragavam”

A empresa Replicar nasceu de uma ideia de José Carlos Gonçalves nos anos 80. “Já era um colecionador deste tipo de automóveis. O meu pai, quando eu era pequeno costumava comprar-me os carrinhos da ‘Matchbox’ e foi, desde então, que fui ganhando o gosto em preservar essas miniaturas, ao contrário de muitas crianças que as estragavam. Não quero dizer que não brincava com os carrinhos, mas tinha cuidado com eles”, recorda.

“Naquela época, houve um ano de transição do Liceu para a Faculdade, que era o chamado Ano de Serviço Cívico e, por isso, havia muito pouco que fazer. Nesse ano, embora houvesse um exame de admissão à Universidade, havia que



ocupar os tempos livres. Foi então que tentei desenvolver uma técnica de construir modelos. Faziam-se moldes em borracha e tiravam-se os modelos em resina. Dessa forma conseguíamos construir miniaturas que serviam para as nossas coleções (minhas e dos meus amigos)”, contou o fundador e sócio-gerente da empresa.

Mas a perspetiva de negócio foi despontando neste jovem, na época. “Fomos pensando que, talvez estas miniaturas pudessem vir a interessar a outras pessoas. Falei com alguns amigos, como foi o caso do Jorge Miranda e começámos a fazer as miniaturas em resina e vendíamos-las, num bazar no Porto. No entanto, aquilo estendeu-se e, durante dois ou três anos, quando estávamos na Universidade, nos tempos livres, fomos desenvolvendo a técnica. Em 1985 já controlávamos bem o processo e por interferência de um dos nossos amigos, foi-nos sugerido que déssemos o passo seguinte. Foi nessa altura que pensámos passar do fabrico artesanal das miniaturas em resina, para uma produção de moldes tal como agora é feita”, recorda José Carlos Gonçalves.

“É evidente que ainda não tínhamos a estrutura montada e, por isso, comprávamos os serviços fora. Encomendávamos os moldes e, depois, encomendávamos a injeção desses moldes a fábricas de injeção. A pouco e pouco, fomos começando a pôr pessoas como nossos colaboradores na montagem dos modelos. Isto em 1987 e 1988. Esta foi a criação da nossa empresa”, conta o fundador da Replicar. As miniaturas da Troféu (Replicar) versam carros de rally, sobretudo dos anos 70 até aos anos 90. Foi a paixão pelo desporto automóvel que levou ao interesse destes empresários.

“O Rally de Portugal passava em Espinho e éramos entusiastas desta prova. Comprávamos jornais e revistas de corridas. Por isso, o que nos interessava era a competição automóvel. As nossas



miniaturas era uma forma de reproduzir em 3D aquilo que nós gostávamos. Até poderíamos ter sido apaixonados simplesmente pela fotografia, mas foi esta a nossa opção”, revela.

Aliado a esta paixão, José Carlos Gonçalves viu que em Portugal não havia, na altura, “grandes soluções no mercado. Havia muito poucas marcas de miniaturas que as fizessem com o mínimo de qualidade e que fossem vendidas a preços acessíveis. Havia uns modelos da Solidon que eram feitos em França e que tinham uma qualidade muito aceitável para a época. Mas não havia mais nada!”, recorda. “Foi isto que permitiu o crescimento da nossa marca com modelos em resina, que eram vendidos em kit, com um conjunto de peças para cada um montar e pintar”, acrescenta.

Com tudo, segundo o empresário, “nem toda a gente tem a destreza e o à-vontade para montar essas miniaturas. Daí, nós demos o passo seguinte, passando a nossa marca de resina para uma marca mais industrial e a fornecer modelos montados, para ultrapassar essa dificuldade que a maior parte dos potenciais interessados tem e que é

1987

Ano da fundação

25

colaboradores

2001

fez um investimento na criação do sector dos moldes

2007

adquiriu infraestruturas para montar um sector de pintura

“Temos 29 modelos de reprodução de carros reais, de várias marcas. Cada um destes modelos dá origem a muitas versões. Por exemplo, se escolhermos um Ford podemos reproduzi-lo na versão do Rally de Portugal de 1979 ou de 1980, com várias decorações e publicidade”.

José Carlos Gonçalves, sócio-gerente da Replicar



"Toda a iniciativa de se elaborar um modelo é nossa. Somos nós que escolhemos qual o modelo que vamos fazer, assim como as variantes. Depois propomos estes modelos que concebemos aos nossos clientes. É como se de um restaurante se tratasse. Há a oferta e as pessoas escolhem dentro daquilo que pretendem".

José Carlos Gonçalves, sócio-gerente da Replicar

montar bem um modelo. É necessário terem-se condições próprias e as pessoas, em suas casas, não as têm. Por isso, montámos modelos e passámos a vendê-los prontos aos colecionadores. Foi aí que nasceu a nossa marca em 1987".

Abandonou a carreira de docente universitário para se dedicar à empresa

José Carlos Gonçalves continuou a produzir miniaturas, enquanto estudante e, mais tarde, como docente na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. O crescimento da empresa e o negócio levou-o a fazer uma opção na vida, deixando o ensino universitário para se dedicar, exclusivamente, à sua empresa, a Replicar, juntamente com os seus sócios, um deles, Jorge Miranda que é professor num dos agrupamentos de escola do concelho de Espinho.

"Nunca pensei que este negócio fosse tomar as proporções que veio a ter. Na altura, já dava aulas na Faculdade

de Engenharia da Universidade do Porto, como professor assistente e este negócio seria, apenas, para ocupar os meus tempos livres, que não eram muitos. No fundo, acabei por estar no centro da marca porque eu é que conhecia as técnicas. Não era indispensável, mas as coisas passavam muito por mim. E, por isso, acabou por ser um contratempo porque o crescimento da marca acabou por prejudicar a minha carreira académica ao ponto de ter de a abandonar", explica José Carlos Gonçalves. "Durante uns anos continuei a juntar as duas coisas, dirigindo o fabrico na empresa, mas tinha as aulas na Faculdade para dar. Em 1998, tive de deixar de dar aulas porque já era impossível conciliar as duas coisas. Foi, a partir daí, que me dediquei exclusivamente à marca porque já tinha crescido bastante".

Segundo o empresário, a marca "já produziu mais modelos do que os que produz agora, mas tinham menos qualidade! Aumentar a qualidade implicou, aumentar a mão-de-obra, tendo, também, mais horas de trabalho sobre cada modelo. Melhorou-se, assim, a qualidade e, portanto, diminuiu a quantidade de modelos produzidos. Estabilizámos neste patamar em que atualmente nos encontramos", dá nota o responsável.

Para José Carlos, "curiosamente, o nicho de mercado, ao longo dos anos, variou um pouco, mas nós só vendemos para os países ditos ricos. Trata-se de um produto secundário, portanto, de segunda necessidade. E esses países são muito chauvinistas, ou seja, cada um gosta das suas próprias marcas. Por isso, durante a nossa existência, consoante o modelo que temos, vendemos mais neste ou naquele país", refere, ainda o mentor da Replicar que sublinha que, "em cada época, há um modelo

mais importante e que centra mais as atenções. Por isso, se esse modelo for japonês, por exemplo, vendemos mais no Japão".

Antes do surgimento e do crescimento da Internet, este negócio passava muito pela venda do fabricante ao distribuidor que, por sua vez vendia às lojas e as lojas ao público. "Por isso, nos primeiros anos a nossa venda dependia de importantes distribuidores, essencialmente nos países europeus. Mas com o crescimento da Internet a necessidade dos nossos produtos passarem por estes distribuidores foi diminuindo e, por isso, a maior parte desses distribuidores fecharam. Hoje em dia, alteramos a nossa forma de vender. Vendemos, também a distribuidores e vendemos diretamente às lojas e aos colecionadores" revela José Carlos Gonçalves que diz, também, que "o número de lojas de rua a vender este produto também tem vindo a diminuir".

Contudo, "ainda há muitos colecionadores que gostam de chegar à loja e comprar os modelos, porque são semelhantes, uma vez que são feitos manualmente, distinguindo-se em pequeníssimos pormenores. Mas muitas pessoas têm encomendado os modelos via Internet e ficam satisfeitas. Por isso, o circuito de venda alterou-se muito", considera, ainda o empresário.

Troféu recebe três prémios na feira de brinquedos de Nuremberga

Durante vários anos a marca esteve representada na maior feira de brinquedos do mundo, em Nuremberga, na Alemanha. Foi nesse certame que a marca Troféu foi contemplada com três prémios em três anos quase consecutivos. Em 1995 recebeu o prémio para o Ford Escort MKI; em 1997, o prémio foi para o modelo do Joest Porsche WSL LeMans; e em 1998, foi o modelo Alpine Renault A110. Todos à escala 1:43.

"Uma espécie de Óscars para os brinquedos", realça José Carlos Gonçalves que sublinha o facto de, durante vários anos a Replicar ser a única empresa portuguesa presente naquela feira. "Todos os anos entregavam um prémio para cada área. Nós vencemos esse prémio por três vezes. Isto foi numa altura em que apostávamos em fazer modelos bons até que decidimos abandonar essa 'guerra' que só fazia com que os preços subissem", explica. "Achamos que não valia a pena estarmos a elevar o preço do produto só para se ganhar mais um prémio. Apareciam coisas muito boas, mas a preços elevadíssimos. Por isso, nós posicionámo-nos mesmo em função do preço do produto. Não queríamos preços



disparatados".

Durante todo o tempo, a Replicar foi produzindo modelos em miniatura de várias marcas. Algumas das multinacionais do mundo automóvel chegaram a adquirir essas miniaturas, como foi o exemplo da marca sueca, Saab. "Já fizemos modelos para a Saab, enquanto existia como marca. Fizemos, também, modelos para a Fuji, que é a proprietária da marca de automóveis Subaru, na altura em que andavam a competir para o título mundial de ralis. Mas há marcas de automóveis que têm estruturas montadas na China para a produção dos seus próprios modelos", diz José Carlos, acrescentando que "todos os dias vão aparecendo coisas cada vez mais interessantes nesta área".

Neste sentido, José Carlos Gonçalves já está a preparar tecnologicamente a sua empresa para o futuro, de forma a não ser ultrapassada. Dar um passo em frente, devagar, é o objetivo da Replicar.

"A investigação disponibilizada no mercado poderá potenciar outras formas de fazer as miniaturas. O investimento para se fazer um conjunto de moldes é brutal e o mercado divide-se por várias marcas, vendendo um pouco menos do que vendiam antes. Por isso, começa a ser difícil, sem aumentar ao preço da miniatura, pagar o conjunto de moldes", explica o gerente da Replicar que diz que é necessário "procurar novas tecnologias para produzir os modelos de outra maneira e que passe ao lado desse investimento inicial. O investimento é grande e é importante, mas também o tempo que demora a desenvolver é um fator a ter em consideração. Desenvolver a miniatura desde o processo inicial, até ter o produto final passam, no mínimo, nove meses, o que é muito tempo! Hoje em dia precisamos de coisas mais rápidas. Se esse processo fosse de apenas três meses, seria o ideal", conclui José Carlos Gonçalves.

Rosa Maria, a mais antiga e Vanessa Duarte, a mais nova

Rosa Maria é a mais antiga funcionária da Replicar. Está na empresa há três décadas, mas hoje é uma apaixonada por aquilo que faz. Está no processo final do circuito, com a montagem, minuciosa, das miniaturas.

"Na altura, o José Carlos contactou-me porque estavam a precisar de pessoas para vir trabalhar para a empresa. Achei muito interessante esta ideia e o trabalho que era", contou Rosa Maria que confessa nunca ter feito "este tipo de trabalho" e nunca tinha montado qualquer tipo de miniaturas. "Comecei a fazê-lo, quando vim para cá trabalhar", acrescentou.

Rosa Maria, antes de integrar os quadros da Replicar, trabalhava no



comércio. "Fui aprendendo aos poucos e no dia-a-dia, sobretudo com a prática e estou muito contente por estar aqui", acrescentou, ainda, funcionária, que diz não sentir "grandes dificuldades na montagem destas miniaturas", exceto e nem sempre, "na aplicação dos decalques, onde se encontram algumas dificuldades. Alguns custam mais a aderir ao automóvel", explica, acrescentando que "ultimamente até temos tido qualidade nos próprios autocolantes, o que torna este trabalho ainda mais fácil".

Rosa Maria não esconde que "ao fim de 30 anos aqui, já conheço cada uma destas miniaturas, pois já me passaram imensos modelos pelas mãos. Gosto de quase todos, mas há um que é especial: o Renault Alpine. Estou muito à-vontade com esse modelo", sublinha a colaboradora da Replicar que ia acabando de montar um modelo da Toyota.

"Os modelos mais antigos, para nós, que já trabalhamos aqui há tantos anos, são os mais fáceis de montar, pois já os conhecemos muito bem", conclui.

Já Vanessa Duarte é uma das mais jovens e das mais novas colaboradoras da empresa. Tem 27 anos e trabalha na Replicar há um ano e três meses.

"Nunca tinha feito este tipo de trabalho e tudo o que já sei, foi cá que aprendi", dá nota Vanessa Duarte, sempre com o olhar bem fixo naquilo que estava a fazer, montando minúsculas peças num pequeno *chassis* de uma miniatura de um automóvel.

Vanessa Duarte garante que já está "perfeitamente adaptada ao trabalho". Coloca os bancos e os cintos de segurança nos *chassis* das miniaturas automóveis. Faz, também, os *tabliers*, coloca o volante, as jantes e os pneus. Um trabalho minucioso e de grande



"Ao fim de 30 anos aqui já conheço cada uma destas miniaturas, pois já me passaram imensos modelos pelas mãos".

Rosa Maria, colaboradora



"Não é nada difícil montar estes modelos. É, simplesmente, ir montando pois já tenho tudo preparado aqui à minha frente".

Vanessa Duarte, colaboradora

precisão que não a assusta e que a deixa entretida e entusiasmada com tamanha responsabilidade.

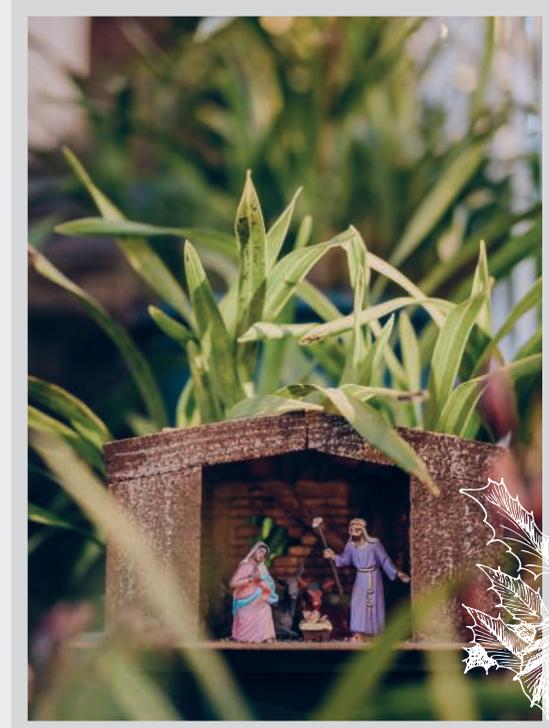
Curiosamente, "nunca tinha feito a montagem de outro tipo de miniaturas. Não é nada difícil montar estes modelos", acrescenta Vanessa Duarte que afirma que a técnica para o fazer "é, simplesmente, ir montando pois já tenho tudo preparado aqui à minha frente. É fácil", conclui a jovem colaboradora. ♦

90%
Exportação
de produção

80%
Mercado europeu

Exporta para a
Alemanha, França,
Inglaterra e Itália

Japão é o maior
consumidor da Ásia



Fotografias © Sara Ferreira



Escolha o seu próprio

Cabaz!

Poupe

15%

Campanha válida para aquisições superiores a 36,85€

Aipal

Natal, 2020

O Natal tem um significado religioso associado ao nascimento; familiar relacionado com o encontro e os afetos; económico articulado com o consumismo e a dádiva; e social ligado à generosidade e solidariedade. Estamos prestes a entrar na época natalícia de 2020 em circunstâncias extraordinárias decorrentes da pandemia COVID 19.

Este ano tem-se caracterizado pela presença de uma epidemia que afeta todo o mundo, que trouxe um conjunto de confinamentos, um estilo de vida em isolamento, doença e morte e novos modelos de funcionamento dos mais variados âmbitos da nossa vida pessoal, profissional, cultural e social. Assistimos a novas dinâmicas de relacionamento interpessoal e a um intensificar da solidariedade e responsabilidade individual e social, como forma de combate às consequências desta doença, quer no Serviço Nacional de Saúde, quer na economia, quer nas vivências familiares e sociais. Desenvolvemos uma profunda consciência da importância e privilégio de vivermos em Estados Sociais, capazes de suportar, mesmo que parcialmente e com sérias limitações, o impacto desta pandemia e da diferença na capacidade de fazer face à situação na maior parte de mundo quer por inexistência de apoios sociais quer pela ausência de um sistema de saúde pública.

Habituaamo-nos a regras de saúde pública como se elas se mantivessem em vigor desde a última grande pandemia da Gripe Espanhola há cerca de 100 anos – higienização e desinfecção de mãos e superfícies, distanciamento social, máscara. Relembramo-nos de como é viver em risco, em incerteza e com responsabilidade por nós próprios e pelos outros à nossa volta. Criámos novos modelos de funcionamento da economia, da educação, dos serviços sociais e percebemos que a tecnologia é um aliado poderoso que encurta distâncias e permite o contato e a proximidade, cumprindo as novas regras de afastamento.

Demonstramos resiliência, capacidade de adaptação e fizemos aprendizagens; criámos conhecimento e

disseminamos informação. A verdadeira revolução do desenvolvimento das vacinas, a solidariedade Europeia e das Nações Unidas na distribuição a todos da imunização, criando uma efetiva possibilidade de travar a pandemia, são vertentes que temos que reconhecer que representam o melhor de nós, seres humanos, nas piores provações.



© Sara Ferreira

Temos que ter consciência que a COVID 19 não é democrática, não atinge todos da mesma forma; que a pobreza e a exclusão afetam o choque inenarrável desta pandemia e dificultam a capacidade de cumprir as regras de saúde pública que permitem reduzir o risco. Da mesma forma, diferentes setores da sociedade sentiram o impacto desta epidemia de forma muito desigual. Quem não se lembra de ruas e céus vazios em março e abril e do confinamento de milhões de pessoas com severo impacto na economia e nos serviços sociais. Como não reconhecer a implicação da pandemia nos contextos sociais mais desfavorecidos e a necessidade de

estruturas de apoio para assegurar as condições necessárias para o isolamento, para o tratamento e recuperação das pessoas afetadas e sem condições de cumprir as orientações necessárias. Como podemos evitar o reconhecimento da redução de rendimentos de uma boa parte da população e da mudança nos padrões de consumo (teletrabalho,

pijama, TV e comer em casa) com severas consequências na economia, nos postos de trabalho e na capacidade de gerar riqueza para depois a distribuir. Quem não assistiu ansioso ao desenrolar de análises simplistas sobre a entrada da epidemia nos lares e nos hospitais e sobre a profunda reflexão que nos merecem estes serviços. Como não nos maravilharmos com a eficiência da ciência e eficácia da combinação de iniciativa privada e pública no desenvolvimento de vacinas.

E agora vamos entrar na época natalícia, neste contexto anormal, porque todos estamos cheinhos da nova normalidade. Temos de assegurar que somos capazes de manter o cumprimento das recomendações da saúde pública e viver este período com o espírito natalício, assumindo a nossa responsabilidade individual e social, reconhecendo as dificuldades e desigualdades económicas, emocionais e de perspetivar o futuro de tantas pessoas na sociedade Portuguesa. Temos que apoiar

a estratégia de prevenção e combate à pandemia, porque milhares de idosos e pessoas com deficiência passam quarentenas nos seus quartos, cada vez que vão a uma consulta, tratamento ou saída para visitar familiares, usam máscara "em casa" e os colaboradores destes serviços, que nunca ficaram em casa, temem pela saúde e bem-estar de quem lá vive e limitam a sua própria vida pessoal para reduzir o risco de serem responsáveis por deixar entrar a COVID19. Temos que, acima de tudo, aproveitar este período para que, mesmo em moldes diferentes, possamos sentir a alegria, generosidade, partilha e encontro que representam o Natal. Mesmo que seja de máscara! ♦



Texto
Rosa Couto
Diretora-geral
da Cerciespinho

“O prémio acarreta uma responsabilidade acrescida. Ninguém sabia que eu escrevia”

Mónica Vieira-Auer, de 54 anos, foi a grande vencedora da segunda edição do Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro, sem nunca pensar que ganhar seria possível. Mas foi.

Com a obra poética “A Parte pelo Todo”, Mónica venceu e recebeu a notícia com “enorme alegria e surpresa”, confessando que agora há mais responsabilidade. Atualmente, é na Alemanha que vive e trabalha. Nasceu em Silvalde, cresceu por Espinho, mas foi para um novo país que rumou, logo após concluir o curso em Línguas e Literaturas Modernas, Estudos Portugueses e Alemães. O motivo? O amor.

Texto
Lisandra Valqueresma

Natural de Silvalde, que memórias guarda da sua infância?

A infância é sempre um “eterno retorno”. Quanto maior a distância no tempo, e no meu caso também a distância física, maior é a tendência para a idealizarmos e até a mitificarmos. Na minha opinião, é um ótimo sinal, pois é sinal que tivemos uma infância feliz, e a minha foi muito feliz.

Assim como a escola primária?

Guardo boas lembranças da minha escola primária. Recordo-me da minha professora Dona Georgina, dos meus amigos e vizinhos com quem costumava brincar dias e tardes inteiros. Brincávamos bastante, tanto na rua como, no verão, ou até na praia, fizesse sol ou fizesse nevoeiro. Inventávamos jogos e brincadeiras. Lembro-me, por exemplo, que amigos nossos organizaram uns “Jogos Sem Fronteiras” na praia, numa imitação daqueles que eram transmitidos, na altura, na televisão. Foi um sucesso! A nossa rua era muito criativa.

O tempo de escola foi feliz, portanto...

Foi muito bom. A primária, em Silvalde, foi excelente. Sempre gostei de ir para a escola. Depois, com dez anos, passei a frequentar o então chamado ‘Ciclo Preparatório’, em Espinho, no Palacete Rosa Pena e na escola Sá Couto, penso que se chamava assim na altura. A partir do sétimo ano, frequentei a Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, de onde eu também guardo boas recordações.

O gosto pela escrita nasceu aí?

Sim, claro. Foi na escola, nomeadamente na disciplina de Português e nas suas leituras obrigatórias. Para mim não há escrita sem leitura, muitas leituras.



© Diários Resençados

Acredita que a escola primária teve importância no seu percurso?

Se for pelo facto de eu dar aulas de Português como Língua Estrangeira, aqui, na Alemanha, digo que não. Não teve qualquer influência. No entanto, acho que o primeiro professor, ou professora, que uma criança tem, desempenha um papel importantíssimo no seu desenvolvimento, no seu gosto pela aprendizagem e pela escola. No meu caso, e como nunca frequentei um jardim escola ou creche, foi na escola, com a professora Georgina, que tomei contacto, pela primeira vez, com livros, cadernos e mapas. No fundo, com as matérias e os materiais básicos do processo da escolarização.

A disciplina de língua portuguesa tinha uma importância especial?

Sem dúvida! Adorava as aulas de Português. Tive ótimos professores, o que muito influencia. Gostava de destacar um em particular, o professor Cascais, que tive, se não me engano, tanto no décimo ano como no décimo primeiro. As aulas que se destinavam a esmiuçar poemas e outros textos literários eram as minhas preferidas. Havia muita liberdade de interpretação. Surgiam leituras diversas e, às vezes, era mesmo "cada cabeça, sua sentença". O professor Cascais dava espaço a que todos se pudessem exprimir, o que é muito importante para os alunos, sejam adolescentes, jovens ou adultos. Chegámos a representar, numa peça de teatro durante o período de aulas a obra Frei Luís de Sousa e, ao mesmo tempo, um grupo de alunos tinha a tarefa de fazer um jornal sobre essa peça. Eu fazia parte dos jornalistas.

Ainda em criança, sonhava em ser o quê?

Ui, já lá vai tanto tempo. Não me lembro. É porque ainda não sonhava.

Sempre teve uma admiração pelo mundo das letras?

Sempre gostei das Humanidades. No final do secundário, na disciplina de Português esse gosto intensificou-se, levando-me a escolher Línguas e Literaturas como curso a seguir na faculdade.

Frequentou a Academia de Música de Espinho. Havia fascínio pela música?

Entreí para a Academia de Música com oito ou nove anos e saí de lá quando já estava na faculdade. Andei mais tempo na Academia do que no liceu. Inicialmente, foi o fascínio dos meus pais pela música que os levaram a inscrever-me, assim como o meu irmão. O meu pai, na sua juventude, tocava acordeão e conhecia o senhor Neves, o nosso primeiro professor. Tivemos aulas de piano e de educação musical. O meu gosto pela música teve, realmente, aí início, mas foi algo que, como tudo, necessitou de amadurecimento. Tenho um piano em casa, mas toco pouquíssimo. Prefiro ir a um concerto, a uma ópera ou a um bailado. Adoro música, clássica e não só.

Os amigos foram parte importante no seu crescimento?

Logicamente. As amizades estão intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento e crescimento de uma pessoa, independentemente da idade.

O caminho que queria para o seu futuro foi decidido quando da entrada para a universidade?

Quando entrei para a faculdade, ainda não sabia o que iria fazer no final. Foi durante o curso que fui tomando decisões, como, por exemplo, que queria passar uma temporada na Alemanha.

O que decidiu estudar?

Línguas e Literaturas Modernas, Estudos Portugueses e Alemães.

No fim do curso, quais eram os objetivos?

Trabalhar, ganhar dinheiro, passar uma temporada na Alemanha e outros sonhos.

Como se deu a partida para a Alemanha?

Foi dois anos depois da licenciatura, em setembro de 1992, que coincidiram com dois anos de namoro à distância com o meu marido.

RP **RADIO POPULAR**
radiopopular.pt

DÁ ENERGIA AO TEU NATAL

Desejamos a todos um Feliz Natal e um 2021 cheio de energia

Partiu a pensar que era temporário ou o objetivo era ficar?

Sair do nosso país nunca é um adeus para sempre. Era uma experiência que eu tinha de fazer, mas que não sabia quanto tempo iria durar.

Para trás ficou a família. Isso nunca pesou na decisão?

Pesou imenso. Foi uma separação muito difícil. Os meus pais notavam essa minha necessidade interior de mudança e até de uma certa insatisfação com o meu quotidiano de então. No entanto, como a maioria dos pais, apoiaram-me sofrendo. Foi uma decisão consciente e ponderada.

A adaptação a um novo país foi fácil?

Como se costuma dizer, com vontade tudo se faz. Foi difícil, como já disse, por ter que deixar os meus pais e amigos, o conforto da casa e minha zona de conforto. Mergulhei numa realidade nova, onde tudo é, inicialmente, diferente: a paisagem, o clima, a alimentação, os horários, os hábitos, as formas de socializar. Além do meu namorado, da sua família e amigos, que foram o lado mais fácil e bem-vindo da adaptação, houve outros de enorme importância. O fator familiar era a língua, e mesmo esta era diferente da que eu tinha estudado porque aqui, na Alemanha, há muitas variedades linguísticas e na faculdade aprendemos apenas a língua padrão. Acresce ainda dizer que no início dos anos 90 a internet não estava democratizada como hoje e as chamadas telefônicas internacionais eram bastante caras, de maneira que só falava com os meus pais ao domingo. Este aspeto, menos positivo, talvez tenha contribuído para um processo de adaptação mais rápido, obrigando-me a confrontar, a descortinar e a penetrar melhor na sociedade alemã.

Que cidade a acolheu?

Arredores de Nuremberga, onde vivia o meu namorado.

Atualmente dá aulas na Universidade Friedrich-Alexander de Erlangen-Nuremberga. Como é que tudo aconteceu?

Dar aulas de Português como língua estrangeira na universidade era um objetivo meu desde o tempo da faculdade, e consegui de imediato fazê-lo. Ainda em Portugal, já tinha estabelecido contacto com algumas universidades da Baviera. Quando cheguei, a primeira coisa que fiz foi apresentar-me, desta vez, pessoalmente a essas universidades, ou melhor, às pessoas responsáveis pelo Departamento de Românicas, do qual faz parte o Português, claro.

É desafiante ensinar português a estrangeiros?

Sim, às vezes, mas é também muito enriquecedor. Ensinar a nossa língua a outros falantes leva-nos, por vezes, por caminhos novos e com esses aprendemos muito também.

É frequente a visita a Espinho?

Tento ir duas a três vezes por ano, mas desta vez só pude ir em setembro.

Este ano, foi a vencedora da segunda edição do Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro. Significou muito para si?

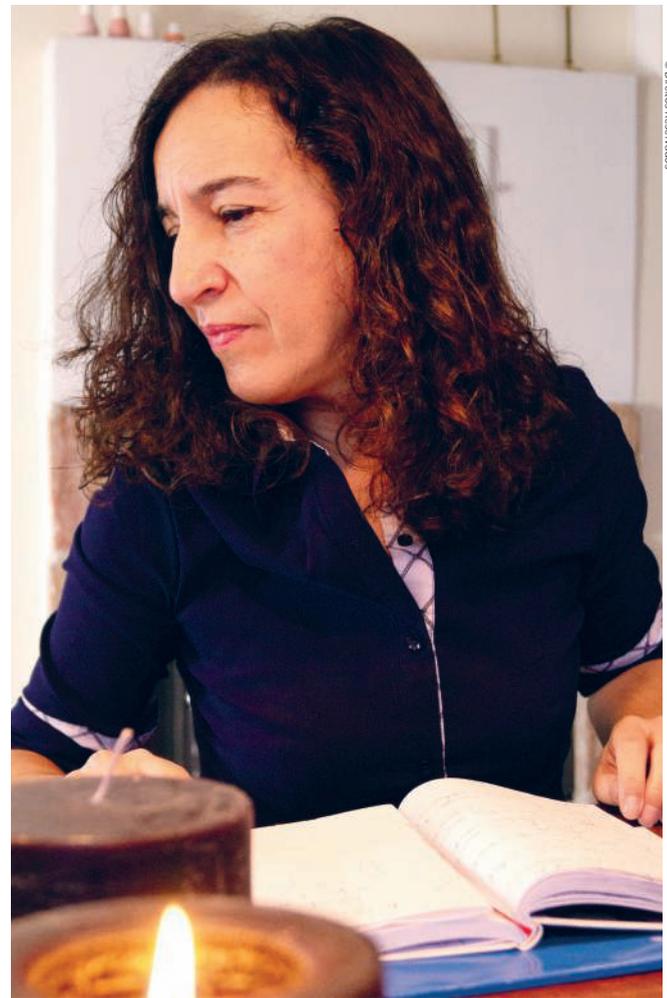
Muitíssimo. Além da enorme alegria e surpresa, uma vez que já tinha passado algum tempo da data prevista para a divulgação do vencedor, sinto que foi um reconhecimento do meu trabalho, em poesia, por pessoas tão competentes e que eu tanto admiro como o professor Carlos Reis, a minha antiga professora de Literatura Portuguesa, Fátima Marinho, assim como a editora da Imprensa Nacional, a doutora Paula Mendes. Isto motivou-me imenso para continuar a escrever. Simultaneamente, acarreta uma responsabilidade acrescida, pois agora há um certo "Erwartungshorizont" (horizonte de expectativa) que antes não existia, aliás ninguém sabia que eu escrevia.

'A Parte pelo Todo' foi a obra poética que levou a concurso. Foi pensada exclusivamente para este efeito?

Exclusivamente, não. 'A Parte pelo Todo' inclui poemas escritos há alguns anos e outros mais recentes, depois de eu ter tomado conhecimento deste concurso.

Fazia-lhe falta um prémio como este?

Os prémios fazem sempre falta, a mim e a todos.



© Direitos Reservados

Este prémio faz senti-la orgulhosa?

Não. Faz-me sentir grata, reconhecida e com responsabilidades acrescidas.

São exemplos destes que quer transmitir aos seus filhos?

Não, os prémios são bons, sem dúvida, mas não são essenciais para a formação e o desenvolvimento de cada um de nós. O exemplo que eles podem e devem tirar daqui é o trabalho, a perseverança, o valor dos sonhos e, acima de tudo, o nunca ser tarde para realizar ou concretizar algo. Além disso, há a importância de não pararmos de aprender, pois a aprendizagem não termina na escola ou na faculdade. É um processo contínuo, ao longo da vida.

Há saudades de Silvalde?

Não sinto muito saudades de lugares, mas sim de pessoas.

O natal vivido na Alemanha tem um sabor diferente ou já está habituada?

Sim, tem um sabor diferente, mas bom. É tudo muito mais calmo no Natal. Os dias 25 e 26 são feriados em toda a Alemanha, o que significa que está tudo fechado. Na véspera, dia 24, normalmente, a partir das 14 horas, encerram os estabelecimentos comerciais, de modo que as pessoas têm mais tempo umas para as outras e para os afazeres próprios destes dias. E depois quando há neve é muito giro.

Que mensagem de Natal gostaria de deixar?

Gostaria de desejar um Bom Natal, no aconchego da família, mas, este ano, essas seriam palavras vazias. Por isso, gostaria que todos nós fizéssemos mais um esforço e tivéssemos coragem e ânimo, para passarmos este Natal apenas com as pessoas com quem vivemos. Será um Natal pouco natalício, mas se formos todos solidários uns com os outros, será também o último passado em confinamento. Deixemos para o próximo ano, e seguintes, os festejos do verdadeiro Natal em família, cheio de carinho, beijos e abraços! ★



Funerária Nª Sª d'Ajuda Sancebas

Em parceria com  Servilusa



**Gente
da nossa
terra,
ao serviço
das famílias**

**Serviço
funerário
desde**

**995*
€**

* Não inclui despesas de igreja, serviço religioso, taxas de cemitério e documentação.

**Rua 20 N.º 887
4500 - 266 ESPINHO
Loja-NossaSraDajuda@servilusa.pt**





Dar vida através do desperdício

Texto
Lisandra Valqueresma
Fotografia
Sara Ferreira

Norma Silva, de 37 anos, decidiu aventurar-se num projeto sozinha. Não encontrou nenhum em que se enquadrasse e, por isso, em 2012 criou o seu: a Jinja.

Queria que a sua marca fosse sustentável, ecológica e, acima de tudo, que trouxesse vida. Por isso, cria peças decorativas a partir de materiais que a indústria deita fora.

Há oito anos a trabalhar sozinha, Norma espera, um dia, conseguir aumentar a equipa, mas jamais ter uma grande produção.

Fios e materiais deitados para o lado que muitas empresas não querem, são a base de trabalho da Jinja.

É a partir deles que nascem as peças de Norma Silva. Cestos, candeeiros, individuais, caixas, taças ou vasos são apenas alguns exemplos de produtos que Norma criou.

A ideia surgiu depois de terminar o mestrado em Barcelona. No regresso a casa, cheia de ideias e objetivos, não queria uma profissão que a obrigasse a estar oito horas a um computador.

Depois de uma licenciatura em design de produto e um mestrado em cenografia, Norma decidiu que o trabalho teria que sair das suas mãos. A viver em S. Félix da Marinha, arregaçou as mangas e, em 2012, lançou a Jinja. "Sempre tive o desejo de fazer algo muito prático, até porque comecei na escultura, mas quando cheguei a Portugal não encontrei nenhum projeto profissional a que eu me quisesse juntar. Durante as aulas tive contacto com a realidade do design industrial e percebi que não queria compactuar com aquilo".

De ideais fixos e com uma grande preocupação relativa ao ambiente, Norma decidiu tornar o seu projeto o mais sustentável possível. "A ideia sempre foi pegar em materiais

desperdiçados, principalmente pela indústria têxtil". O objetivo era dar-lhes uma vida nova e mostrar que este setor profissional acaba por provocar tanto desperdício, "retirando vários recursos da natureza, não os aproveitando ou não os incluindo no seu processo de produção", explica a fundadora da marca.

As peças, destinadas ao interior da casa, podem ter uma dupla função. "Pode ser só decorativo ou ter também a parte funcional. Uma taça, por exemplo, pode servir para colocar como centro de mesa ou ainda ser utilizada como fruteira." Esta, que foi a primeira peça lançada na Jinja, tem diferentes tamanhos.

Norma trabalha sozinha. É a partir do seu estúdio, em casa, que vai produzindo as peças, sempre de forma artesanal.

Apesar do projeto já existir há oito anos, confessa que nem sempre funcionou ao mesmo ritmo, já que, pelo meio, teve duas filhas. "Às vezes tenho a ajuda do meu pai que já está reformado e me vai dando apoio no acabamento das peças. Além disso, sempre que lanço uma coleção tenho a ajuda de uma fotógrafa com quem já trabalho há muito tempo. Houve momentos em que já tive a necessidade de ter alguém a trabalhar ao meu lado, mas não sei se iria, para já, conseguir suportar esse custo. Também teria que dar formação a essas pessoas





“É importante ir acompanhando e ver o que se está a fazer no mundo”

e, por isso, para já, nunca quis arriscar”, explica a proprietária da Jinja, que confessa que, por vezes, o trabalho se faz com poucas horas de sono.

Norma já teve um estúdio de trabalho fora. Algum tempo depois, decidiu criar o seu ambiente dentro da própria casa. Depois de uma escadaria, numa área reservada para si, Norma guarda todo o material e ferramentas que precisa. É lá que trabalha, embora confesse que estar dentro de casa, nunca a permita desligar-se totalmente. “Há fases mais complicadas que outras. Quando as minhas filhas eram mais pequeninas era muito complicado, mas agora vou conseguindo conciliar. Nesta fase da pandemia, tornou-se um pouco complicado e quase tive que parar porque as tinha em casa o tempo todo. Uma delas já na escola primária e, por isso, tive que a ajudar. No entanto, com organização tudo se consegue”.

O tipo de produção que a Jinja oferece tem um ritmo próprio. Não existe uma linha de montagem e cada peça tem a sua particularidade. “As peças que faço são muito próprias porque nem sempre há fio da mesma cor. O preto e o branco são cores que se conseguem sempre, mas há outras que não e quando acabar sei que nunca mais vou conseguir arranjar”, explica.

Como o processo é manual, tudo demora tempo. Tirando partido do fio têxtil, Norma tenta criar novos objetos. “Os primeiros produtos que lancei foram as taças. Com o avançar do tempo, para fazer outras formas, resolvi tentar enrolar o fio, criando fios mais grossos.” Para essa tarefa, Norma criou uma máquina em madeira que, através de um círculo que vai rodando, consegue enrolar os longos fios.

Cada peça passa por várias fases. Como a fundadora da Jinja diz, primeiro faz-se a preparação do fio. “Dependendo do tamanho da peça, sou capaz de demorar uma ou duas horas a enrolá-lo”, revela. De seguida, a moldagem.

“Esta parte de criar a peça dura cerca de uma hora. Ela, como tem que secar, fica parada dois ou três dias, dependendo do clima”. No final, já depois da secagem, “fazem-se os acabamentos que levam sempre meia hora.”

Fio trazido das indústrias e natureza como inspiração

Para trabalhar, Norma precisa de fio em grandes quantidades. Ao longo destes anos já teve vários parceiros onde o conseguia arranjar. No entanto, é em Santo Tirso que, hoje, os vai escolher e comprar. “Já cheguei a ter, no passado, uma senhora de Silvalde que me fornecia fio. Mas, atualmente, já existem armazéns que o recebem e o preparam em bobines, o que facilita muito o trabalho”.

Para a elaboração das suas peças, a criadora da Jinja admite que vai buscar a inspiração a diferentes fontes. “Gosto muito de ver e ler livros, blogues de decoração e design, mas uma das maiores inspirações, para mim, é a própria natureza. Ela já é tão bela, tem tantas formas e tantas cores que acaba por ser uma grande fonte de inspiração. Na verdade, acho que uma pessoa está sempre a recebê-la, mas é importante ir acompanhando e ver o que se está a fazer no mundo”, conta a artesã.

Há oito anos, na hora de escolher o nome para a marca que estava a lançar, Norma queria transmitir a ideia de ritual. Após várias tentativas lembrou-se de Jinja. “Dar nome a um projeto é quase como dar um nome a um filho. No início, na fase da procura, tive algumas ideias, mas eu queria que a ideia passada fosse como um ritual, algo que fosse como um trabalho sagrado. Tinha que ser algo que eu valorizasse muito e acabei por me lembrar de Jinja. É uma palavra que vem do japonês e significa um género de pórtico, simbolizando a entrada num santuário. Além de me soar bem, tem esta conotação de entrada para um ritual”. Tal

como Norma queria.

As vendas das suas peças acontecem, sobretudo através do online. Ainda que se considere uma pessoa algo distanciada do computador e do mundo online, Norma admite que a existência dessa parte é importante. “Sempre quis um trabalho manual e que me afastasse do computador, mas sei que a presença nas redes sociais é importante. Acredito que isso se intensificou ainda mais agora na pandemia, mas essa não é a minha parte favorita do trabalho. Gosto mesmo é de estar a trabalhar nas peças.”

Apesar de vender em lojas físicas, os produtos Jinja podem, também, ser encontrados na loja online da marca ou ainda, através de revendedores, em lojas online. Segundo Norma, o feedback tem sido positivo. “Muitas pessoas não conseguem imaginar como é que, do fio têxtil, consigo criar peças decorativas. Tenho clientes que compram mais do que uma vez e, mesmo aqueles que não compram, normalmente gostam e até ficam espantados com a própria técnica de trabalho.”

Já que trabalha sozinha, Norma gostava, no futuro, de ter alguém ao seu lado e encara-o como uma perspetiva futura. “Tenho a intenção de chegar a mais pessoas para tentar criar a estabilidade de trabalho que quero. Sei que nunca hei de querer uma grande produção, porque aí perde-se o sentido do projeto. Contudo, gostava de ter três ou quatro pessoas a trabalhar comigo. Às vezes sinto falta de ter tempo para outras coisas. Tenho ideias, mas não as consigo colocar em prática. Se calhar, se tivesse ajuda, conseguia dedicar-me mais a experimentar porque há mais produtos que quero fazer”, revela a criadora. ♦



“Muitas pessoas não conseguem imaginar como é que do fio têxtil consigo criar peças decorativas”

Norma Silva



Manuel Carola,
Chef do
Casino Espinho

O Natal está à porta. Eis chegado o tempo de reunir, à mesa, as iguarias tradicionais. O bacalhau ou o polvo, pratos indispensáveis desta quadra, podem ser servidos, mas, desta vez, com um toque especial. A sugestão é de Manuel Carola, *chef* do Casino Espinho, há 15 anos.

Para a mesa natalícia, não esquecendo as tradições, mas dando-lhes um novo fulgor, apresenta várias opções. Para começar, uma sopa de cação. Bastante usual na zona alentejana, esta iguaria feita a partir de uma calda de farinha, com alho, azeite, coentros e a própria água do cação, pode ser uma apetitosa ideia para dar início à refeição.

De seguida, para os indecisos, eis duas opções: bacalhau ou polvo.

Como o bacalhau, rei da mesa, não pode faltar, o chefe apresenta-o de forma original, através de um folhado com cogumelos. Confeccionado a partir de um refogado de cebola e tomate, junta-se os cogumelos e, no final, um crocante de azeitona.

Já na outra especialidade, o *chef* Manuel Carola apresenta polvo à bordalesa, feito através de uma redução de vinho tinto, acompanhada com arroz branco e uma tosta crocante.

Para o final da refeição, como sobremesa, fica a sugestão de leite creme com crocante de laranja e chocolate. Não deixe de lado as rabanadas ou aletria, mas deixe-se encantar com esta saborosa guloseima. O importante é deliciar-se e dar asas à imaginação. ♦

Texto
Lisandra Valqueresma
Fotografia
Sara Ferreira

Folhado de bacalhau ou polvo à bordalesa como sugestão de Natal



Menu DO CHEF

Sopa de cação
com coentros

Folhado de bacalhau
com cogumelos e
crocante de azeitona

Polvo à Bordalesa com
arroz e tosta crocante

Leite creme com
crocante de laranja
e chocolate

Pedra Cancela Intemporal Branco (2016)



Castas Encruzado - Malvasia Fina - Cerceal Branco **Escolha vinica** que acompanha na perfeição um Polvo ou Bacalhau à Lagareiro - Assados no forno **Servir a 14° C**

28,25€

Uma palavra que, não temos dúvida, estará ligada no futuro a este néctar e à região do Dão. Uma edição comemorativa dos 20 anos da marca "Pedra Cancela". A envelhecer durante sete anos em cave - fazendo dele uma das excepções nos vinhos brancos, apresenta-se no mercado com três castas na sua composição, chegando-se a um valor alcoólico de 14%, mas perfeitamente integrados e com relativa maturação. Ao paladar chegam os sabores da fruta e pouca acidez (7,2g/l de acidez com um pH de 3,2). É um branco ligeiro, frutado e fresco, acompanhando na perfeição um queijo da serra amanteigado, passando pelos pratos de forno onde a batata assada tenha presença.

Crasto Superior Syrah (2017)



Casta Syrah 97% **Escolha vinica** que acompanha uma peça de carne **Servir (16 a 18°C)**

21,20€

Deriva do latim "Castrum" que significa forte romano. A monocasta não é presença assídua na mesa do consumidor casual, mas é seguramente uma opção que merece ser apreciada com tempo, com o prato e a temperatura ideal. É resultado da seleção das melhores uvas da casta Syrah e de um estágio de 16 meses em barricas de carvalho francês e chega à mesa com um teor alcoólico de 14,5%. Um tinto com uma cor ruby carregada, toques florais e frutas vermelhas, boa acidez e taninos com presença média. Mantém um perfil fresco, elegante e com potencial de envelhecimento em garrafa.

Espumante Vértice Gouveio



Casta 100% Gouveio **Servir (6° C)**

24,20€

O ano deixa a desejar, mas quando surgirem as doze badaladas, o ideal é brindar ao novo ano e deixar para trás agruras de um 2020. Vértice Gouveio tem origem na região do Douro, e a sua selecção é criteriosa nas encostas elevadas e frescas do reinado de D.ª Antónia e Miguel Torga. É elaborado de acordo com o método clássico e deve ser servido bem fresco para ter a real noção das suas bolhas (finas e persistentes). Trata-se de um espumante com 12%, com fruto envolvente e proporcionado. Acaba por ser uma opção cheia de vida, com acidez firme e poço levemente amargo. Está pronto a ser degustado, mas desenvolverá bem em garrafa entre cinco a sete anos. É um acompanhante perfeito como aperitivo, mas também com ostras, saladas, peixe defumado e queijos.

Fonseca Vintage 2017



Old Vines

120€

Pontuações à parte - foram 98 atribuídos por Robert Parker e isso representa, por si só, um sinal de garantia - trata-se de um anel magenta estreito em torno de um núcleo de preto púrpura. Uma explosão de frutas da floresta escura, densas e succulentas, e um 'mix' com aromas mais frescos das frutas vermelhas. Ao primeiro trago é reservado e discretamente aromático, no palato revelam-se frutos silvestres densos e compactos, que depois explodem no palato médio e surgem no final longo. Estamos perante um vinho de textura aveludada, compensada com taninos fortes e alguma acidez.

N

um diálogo "com e de sabores", Marta e Rui apresentam-se no comércio local espinhense, junto ao Casino e à esplanada, numa zona que podemos assumir como privilegiada na cidade das ruas com números. Um lugar que chama a atenção de todos, não só dos enófilos como daqueles que não dispensam adquirir no comércio dotado de proximidade, conhecimento e simpatia. Com uma oferta a abranger as principais regiões vitivinícolas portuguesas (Douro / Dão / Alentejo), a Garrafeira é também um local onde se proporcionam vivências gastronómicas, o tão português azeite e o vinagre, passando pelas bebidas espirituosas. ♦

Texto / Fotografia Francisco Azevedo



Temos sempre muitos motivos para brindar

O 'terroir' perfeito em Espinho

www.garrafeiradiálogo.com
Av. 8 nr 442 - Espinho - 913 465 769





in Defesa de Espinho / 22 dezembro 1973

SÚPLICA

Mais um NATAL, Senhor...
 – Mais um NATAL em que és louvado,
 Em que o mundo te espera e te procura
 Doente e alucinado!...

Mais um NATAL de paz e amor,
 Mas que é também mais um NATAL de dor,
 Mais um NATAL de fome
 E de amargura
 Permanente,
 Em que é bendito o teu bendito nome!...

Por isso é que te faço, reverente,
 Esta súplica, Senhor:

– Ao ver-te
 Abandonar a Cruz,
 Aureolado por divina luz
 Ao jubiloso repicar dos sinos,
 Andar com suaves jeitos paternais
 A encher de prendas os sapatos dos meninos,
 Dos meninos que têm sempre a casa cheia,
 É que eu peço, muito humildemente
 Que vás também levar aos pobrezinhos
 O teu Amor e os teus carinhos,
 Teu beijo humano e quente!...

E mais te suplico ainda.
 - Que percorras, Senhor, de lés a lés,
 O nosso velho Portugal,
 E que leves contigo muitos sapatinhos
 No fundo do bernal,
 Para os macerados, pequeninos pés,
 Dos que nunca tiveram sapatinhos...
 Para pôr nas chaminés!...

NATAL de SEMPRE
 E para SEMPRE

MEA CULPA ...

– Ouvi-me em confissão pré-natalícia:
 – Acto de contrição que humildemente,
 Será um expungir, publicamente,
 Os pecados da minha vã estultícia:

.....
 Num protesto contra o que tenho escrito,
 Rejeito a quietação do imobilismo;
 Sacudo o confortável comodismo
 E repudio o que possa ter dito
 Em versos de verdade deformada:
 Rimas sonoras de que muitos gostam
 E ao agrado do público se encostam,
 Mas, francamente, que não valem nada.
 Historietas de baixa craveira.
 Facécias de revista que, em geral,
 São simples autenticidade verdadeira.
 Sofro a intoxicação da estupidez —
 É esse o mal de que me queixo hoje;
 Queria libertar-me, duma vez,
 Da mediocridade — e ela não foge! —
 Não foge... por carência de coragem,
 Dormente em coxins de sumaúma...
 — Mas se há viris impulsos que reagem,
 Todo um valor latente se ergue e apruma;
 Lá vai, como balão livre do lastro,
 Escalar céus de excelsa fantasia,
 Riscar de luz, como se fosse um astro
 As regiões etéreas da Poesia...

Assim quero eu falar, como se fosse um Sábio,
 Da frustração que impende em quem busca a Verdade.
 E quero ter, veemente, a pender-me do lábio.
 A exaltação da humana Solidariedade.
 Quero, como Moisés, ao percutir a rocha,
 Rasgar a fonte d'águas límpidas e puras
 Que, ao sentimento bom que n'alma desabrocha,
 Lave essa ganga imunda das paixões impuras.
 E quero que não seja apenas no Natal
 A haver na Terra os *homens de boa-vontade*,
 Exibindo, formais, em clima especial,
 Fugazes efusões de júbilo e bondade.
 Eu quero mais: — No ano inteiro, o Sumo Bem
 Da Mensagem de Cristo — eterna Redenção —
 Que prometeu, há dois milénios, em Belém
 A Paz à Humanidade, o Amor ao coração!

Carlos de Moraes

Alberto Barbosa (Beka)





Peraltafil
CAIXILHARIAS DE ALUMÍNIO, S.A.

Desejamos a todos
os nossos amigos, clientes
e fornecedores um
Feliz Natal!

visite-nos: WWW.PERALTAFIL.PT

HOTEL ALGARVE CASINO *****
PRAIA DA ROCHA

HOTEL SOLVERDE SPA & WELLNESS CENTER *****
V. N. GAIA

HOTEL CASINO CHAVES *****
CHAVES

*Este Natal sinta-se em casa...
nos Hotéis Solverde*



Oferta da 3ª noite para as reservas do pacote de alojamento de duas noites com jantar no dia 24 e almoço no dia 25 de Dezembro.
Conheça todas as condições em www.gruposolverde.pt



Establishment
complying
with Health Measures
Portugal



www.gruposolverde.pt



SOLVERDE
CASINOS · HOTÉIS